



Portugal 2020
Castro Almeida
conversou
com o VM

Entrevista → **Págs. 8 e 9**

Farmácias
O que pensa
Maria de Belém
Roseira

Opinião → **Pág. 32**



Vimieiro
Cortejo
de oferendas
saiu à rua

Em Ação → **Pág. 13**

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

diretor: **Paulo Moreira** | ano: **XXX** | julho/agosto 2014 | publicação mensal



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS
PORTUGUEAS

Farmácias vão continuar sociais

As farmácias das Misericórdias vão continuar a ter fins sociais. O diploma que obrigava a sua conversão em sociedades comerciais foi revogado recentemente. Segundo o decreto-lei 109/2014, publicado a 10 de julho, as “entidades do setor social da economia não devem ser obrigadas a constituir sociedades comerciais e a alterar o respetivo regime de isenção fiscal para manterem a propriedade das farmácias de venda ao público de

que já eram proprietárias à data da entrada em vigor do citado decreto-lei 307/2007, de 31 de agosto”. Para os provedores, a nova legislação é mais

do que justa e para aqueles responsáveis das Santas Casas a questão da concorrência não faz qualquer sentido. **Destaque 4 e 5**

Paris

Intervenção cada vez mais necessária

Misericórdia de Paris celebrou 20 anos de existência com um apelo ao voluntariado. Para continuar a dar apoio aos portugueses em França, a instituição precisa de mais recursos humanos. A meta é chegar aos 1000 novos voluntários. Apesar dos constrangimentos, a continuidade do trabalho naquela cidade francesa não está em causa.

Em Ação 6 e 7

Inauguração

Castelo de Vide tem novo lar de idosos

O mais recente investimento social da Misericórdia de Castelo de Vide recebeu com grande orgulho o ministro da Solidariedade, Trabalho e Segurança Social que presidiu à inauguração oficial deste equipamento que vem dar resposta à necessidade que a instituição sentiu de ter condições para acolher mais idosos.

Terceira idade, 21

‘Muita coisa mudou nas Misericórdias’

Estatutos O presidente do Conselho Nacional da UMP fala sobre a necessidade de dotar a União de novos estatutos. **Opinião 30 e 31**

Centro João Paulo II

À conquista dos céus de Fátima

Foram 21 os utentes do Centro de Deficientes Profundos João Paulo II, da União das Misericórdias, que fizeram o seu batismos de voo, no âmbito da iniciativa “Cavaleiros do Céu”, que envolveu cerca de 200 crianças e jovens de várias instituições de apoio a deficientes da região de Leiria, Fátima e de Torres Novas. **Em Ação 18**

Mortágua

Novos apoios para pessoas com deficiência

A Misericórdia inaugurou dois equipamentos dedicados a apoiar pessoas portadoras de deficiência. Um lar residencial e um centro de atividades ocupacionais foram oficialmente abertos no dia 4 de julho numa cerimónia que contou com o secretário de Estado da Segurança Social, Agostinho Branquinho. **Em Ação 14**

PANORAMA

ESPAÇO SÉNIOR

VERDADEIRO ADN DA SOLIDARIEDADE

Há quem, no setor sócio-político-cultural subscreva ditos de mérito como o ministro Mota Soares: “As Misericórdias constituem um ativo vivo e impressionante que temos de saber aproveitar. Chegaram antes do Estado e, muitas vezes, trabalham melhor

com o depauperamento dos seus bens e agravamento da sua situação financeira, e sem auxílios outros, muitas Santas Casas tiveram de fechar as suas portas, tal como algumas, no 25 de Abril, sentiram que tiveram de ceder perante a “nacionalização” dos seus hospitais, precisamente porque o facto de algum modo as “aliviou” de situações precárias quanto à manutenção dos hospitais, alguns deles em situação de quase rutura.

Registou-se também uma quase maciça emigração de populações, sobretudo de terras do interior do país, ficando as mesmas à mercê de um depauperamento acumulado de pessoas de meios e de condições.

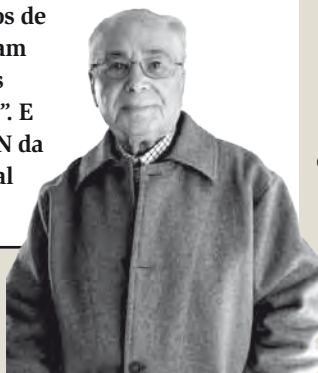
Faltaram assim condições humanas e materiais de manutenção de uma Misericórdia, acontecendo o mesmo com outras instituições similares do setor parceiro (irmandades, confrarias, casas do povo, cooperativas, mutualidades etc).

Tendo surgido, entretanto, outras instituições com outros programas e meios de ação, como resposta julgada mais apta e também mais diretamente comandada e sob a responsabilidade institucional da Igreja – o que prova que a mesma Igreja não teve em conta as Misericórdias como coisa de sua inteira jurisdição e responsabilidade – como foi o caso das Conferências de S. Vicente de Paulo, da Cáritas, dos centros paroquiais. De algum modo foram deixando nos bastidores do esquecimento as tradicionais Misericórdias.

E ainda nos programas de formação eclesial, tanto dos seminários como da Universidade Católica, como até em escolas oficiais, deixou de se ensinar o que era genuinamente português e com o mérito e alcance específico de uma Misericórdia.

Apesar disso – e ainda bem – há quem, no setor sócio-político-cultural subscreva ditos de mérito como o ministro Mota Soares: “As Misericórdias constituem um ativo vivo e impressionante que temos de saber aproveitar. Chegaram antes do Estado e, muitas vezes, trabalham melhor”. E ainda: “O verdadeiro ADN da solidariedade em Portugal são as Misericórdias”.

Manuel Ferreira da Silva
Fundador do Voz das Misericórdias



A SUBIR JOVENS NO INTERIOR

O Ministério da Educação vai criar um novo programa destinado a incentivar a mobilidade universitária com o objetivo de fixar mais estudantes e diplomados no interior.



A DESCER DEMOCRACIA NÃO SATISFAZ

A satisfação dos portugueses com a democracia está em queda desde 2009, sendo a maior desconfiança relativa aos partidos políticos, segundo Portal da Opinião Pública.



BAGÃO FÉLIX

Continuamos num plano muito inclinado de indiferentismo ético. Dêem-se as voltas que se derem, não há “soluções técnicas” para “défices éticos”. Sob pena de recidivas cada vez mais dolorosas...



A FOTOGRAFIA



MONTEPIO VIATURAS PARA UMP E SANTAS CASAS

A Fundação Montepio presenteou o Centro de Apoio a Deficientes de Santo Estêvão, da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), e as Santas Casas da Aldeia Galega da Merceana, Entroncamento, Calheta (Madeira), Caminha e Divino Espírito Santo da Maia (Açores) com seis viaturas adaptadas. O presidente da UMP, Manuel de Lemos, esteve presente na cerimónia de entrega das chaves das viaturas, no Porto a 14 de julho. Ao todo, nesta 7ª edição da Frota Solidária, a Fundação Montepio investiu 366 mil euros para entregar viaturas a 21 entidades da sociedade civil.



OLHAR PARA TRÁS

TESTEMUNHO DA AÇÃO

“Algumas notícias sobre as atividades das Misericórdias têm saído com bastante atraso. Somos um jornal que já luta com uma tremenda falta de espaço, pelo que algumas notícias ficam retardadas na tipografia de uns números para os outros. Mas mesmo assim, achamos preferível publicá-las, ainda que atrasadas, pelo facto de serem sempre, para quem as ler, um testemunho das Misericórdias em ação. Do facto pedimos desculpa e compreensão a todos.” A nota lê-se na edição de julho de 1985. Desde então o jornal aumentou de 16 para 32 o número de páginas. Sabemos que nem sempre é suficiente, mas buscamos, o mais possível, encontrar espaço para todas as Santas Casas.



O CASO

POMBAL CERTIFICAÇÃO EQUASS DE QUALIDADE

A Misericórdia de Pombal vai brevemente receber a sua certificação de qualidade EQUASS Assurance. A garantia foi dada pelo consultor responsável ao provedor daquela Santa Casa, Joaquim Guardado, para quem a certificação é “motivo de orgulho e satisfação” e apenas foi possível “graças ao empenho de todos os funcionários”.

Ainda segundo aquele responsá-

vel, a garantia de que a Misericórdia de Pombal está preparada para receber o primeiro nível de certificação EQUASS foi dada no dia 18 de julho e “a todos encheu de satisfação”.

Joaquim Guardado destacou ainda que “em boa hora a UMP avançou com este projeto de certificação de qualidade nas Misericórdias”, uma iniciativa que vai “valorizar ainda mais o serviço prestado pelas Santas Casas”.

O projeto de certificação EQUASS da UMP foi financiado no âmbito do Programa de Formação-Ação para Entidades da Economia Social do POPH e envolveu 25 Mi-

sericórdias. No âmbito do programa Portugal 2020, a UMP vai apresentar candidatura para tentar certificar outras 50 Santas Casas.

Amarante, Braga, Mirandela, Murça, Póvoa do Lanhoso, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia, Redondo, Santarém, Santiago do Cacém, Serpa, Vimieiro, S. Brás de Alportel, Lagos, Águeda, Arganil, Batalha, Cantanhede, Marinha Grande, Mortágua, Ovar, Pombal, Santar e Vila Nova da Barquinha são as Santas Casas que aceitaram integrar este primeiro projeto da UMP para certificação de qualidade dos serviços.

OPINIÃO

MISERICÓRDIAS DOS AÇORES
NA COMPLEXIDADE SOCIAL

PARTE 2/2

Misericórdias terão capacidade e vontade de corresponder aos novos desafios sociais que se lhes deparam, nunca perdendo a sua identidade própria, o alcance das suas obras sociais e o cumprimento da sua missão fundacional

As Misericórdias dos Açores estiveram na linha da frente no apoio à infância e à família, aumentando a rede e a cobertura das creches e jardins-de-infância, de uma forma social e familiarmente inclusiva, estiveram ao lado das crianças e jovens desprovidos de meio social e familiar normais, acudiram a projetos de apoio informal e institucional a pessoas deficientes, reconverteram, recriaram ou construíram e colocaram em funcionamento, em moldes mais consentâneos com os paradigmas técnicos e sociais atuais, equipamentos de acolhimento de idosos e não idosos dependentes, sem apoio de familiares ou da vizinhança e, nos casos em que tal foi possível, implementaram uma rede, com potencial para o seu crescimento, qualitativo e quantitativo, de apoio domiciliário, de entre outras respostas sociais.

Nos últimos anos, aos antigos e estruturais problemas sociais, não resolvidos, novas dificuldades conjunturais e novos problemas económico-sociais se nos deparam, que se espelham numa sociedade potencialmente em crise.

Os Açores não estão imunes a estas problemáticas que se fazem sentir.

As Misericórdias nos Açores não estão indiferentes aos problemas das famílias carenciadas de recursos financeiros, às famílias com idosos ou pessoas dependentes sem condições técnicas e recursos mínimos para os apoiar e às situações ainda mais graves, como as dos idosos ou pessoas com doenças crónicas ou deficientes desprovidos do meio familiar normal, problemas que aumentaram com o envelhecimento demográfico crescente, a desagregação familiar e o desemprego, contextos estes que levam à total vulnerabilidade do ser humano.

As Misericórdias dos Açores estiveram reunidas, em setembro de 2013, na ilha mais ocidental, a ilha das Flores, no seu XII Congresso Insular (que contou com a participação das Misericórdias da Madeira, como tem sido nas edições anteriores, o que é uma iniciativa a todos os níveis louvável e bem conseguida), e neste espaço de partilha de experiências, de dificuldades e de sucessos e consequente debate, evidenciaram bem este contexto socioeconómico e familiar complexo e, de uma forma consciente e responsável, esperam dos decisores políticos, novas políticas sociais, corajosas e adequadas, assumindo com a determinação e a responsabilidade que as caracteriza, o seu dever de aumentar o seu contributo de apoio social, de mais e abrangentes respostas sociais, junto dos mais débeis da sociedade açoriana, o que exigirá, naturalmente, mais cooperação técnica e financeira por parte dos poderes e do erário público, para além de novas exigências técnicas e organizacionais das instituições e da sustentabilidade financeira das mesmas.

Estas conclusões de âmbito insular saíram reforçadas com as temáticas tratadas no recente congresso nacional, realizado em maio, na cidade de Évora, que evidenciaram que as Misericórdias portuguesas terão capacidade e vontade de corresponder aos novos desafios sociais que se lhes deparam, nunca perdendo a sua identidade própria, o alcance das suas obras sociais e o cumprimento da sua missão fundacional.

António Bento Fraga BarcelosProvedor da Misericórdia de Angra do Heroísmo e
presidente da União Regional das Misericórdias dos Açores

ON-LINE

VISEU
ARRAIAL E FESTA
EM SANTO ESTÊVÃO

→ O Centro de Apoio a Deficientes de Santo Estêvão, da UMP em Viseu, organizou pela segunda vez um arraial popular. À imagem do ano anterior, o largo principal foi devidamente engalanado, com decorações alusivas às festas dos santos populares, um palco para atuações musicais, barraquinhas de rifas, quermesse, bem como os tradicionais “comes e bebes”. Foi a 4 de julho.

PONTE DE LIMA
JARDIM DO LAR DE
JOVENS PREMIADO

→ O Lar de Jovens D. Maria Pia/São José da Misericórdia de Ponte de Lima recebeu o 1º prémio na categoria de “Janela/Varanda mais Florida”, da sexta edição do concurso “Jardins, Arte e Inovação”, organizado pela autarquia e recebeu 62 candidaturas. Segundo a Santa Casa, as crianças e jovens acolhidas no lar criaram, “com muito gosto e empenho”, um pequeno espaço florido na varanda.

TAROUCA
HOMENAGEM DA
UMP AO PROVEDOR

→ Apostado em visitar todas as Santas Casas do país, o presidente da União das Misericórdias (UM) esteve recentemente na Misericórdia de Tarouca. Durante a visita, Manuel de Lemos fez questão de homenagear o provedor, Lucílio Teixeira, que também já fez parte do Secretariado Nacional da UMP e atualmente integra o Secretariado Regional da UM em Viseu. O presidente da câmara assistiu à homenagem.

ÁGUEDA
VOLUNTARIADO TRAZ
ALEGRIA AOS IDOSOS

→ A Misericórdia de Águeda organizou um passeio cultural a Viseu, no dia 6 de julho, durante o qual os idosos da instituição puderam visitar o museu da igreja da Misericórdia, a Sé e o mercado municipal. “Foi um dia de partilha de conhecimento, de cultura e de alimentos com muitos doces à mistura, sempre num clima de grande alegria”, revelou o provedor numa nota informativa.

SLIDESHOW



PONTE DA BARCA AULA DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

A Misericórdia de Ponte da Barca organizou, em parceria com a Escola Segura, uma aula de segurança rodoviária para as crianças do Centro de Atividades de Tempos Livres, no dia 16 de julho. Depois de uma sessão de esclarecimento, os mais pequenos puderam aplicar algumas das regras que aprenderam em pequenos trajetos de bicicleta, assinalados com sinais de trânsito. Segundo a instituição, este foi o método encontrado para facilitar a interiorização das normas da segurança rodoviária.

DESTAQUE

Farmácias vão continuar sociais

As Misericórdias já **não precisam de constituir sociedades comerciais** para manter abertas as suas farmácias

Bethania Pagin

As farmácias das Misericórdias já não precisam de ser transformadas em sociedades comerciais. A decisão foi tomada em reunião de Conselho de Ministros do dia 5 de junho e a legislação respetiva, o decreto-lei 109/2014, foi publicada em Diário da República a 10 de julho. Segundo o novo diploma, considera-se que “as entidades do setor social da economia não devem ser obrigadas a constituir sociedades comerciais e a alterar o respetivo regime de isenção fiscal para manterem a propriedade das farmácias de venda ao público de que já eram proprietárias à data da entrada em vigor do decreto-lei 307/2007, de 31 de agosto”.

Segundo aquele diploma, que já foi alvo de cinco alterações, as farmácias sociais deveriam assumir a forma de sociedade comercial e/ou adotar o regime fiscal das sociedades comerciais. Para o efeito, a norma estabelecia um prazo de cinco anos para as adaptações necessárias ao cumprimento dos novos requisitos.

Desde a primeira hora a União das Misericórdias Portuguesas (UMP) manifestou o seu desagrado e esteve, ao longo destes anos, a acompanhar o dossiê. A primeira vitória foi quando, ao fim do prazo estabelecido, foi possível obter duas prorrogações (uma de um ano e outra de seis meses), mas sem nunca perder de vista o objetivo principal: assegurar que não fosse colocada em causa a natureza específica das entidades de economia social, ou seja, não permitir que as Misericórdias tivessem de constituir sociedades comerciais para explorar as suas farmácias.

Após a publicação do decreto-lei 109/2014, a UMP, em comunicado oficial, anunciou que “a legislação publicada constitui o culminar de uma longa e difícil negociação conduzida pela UMP junto do governo e em estreita articulação com a CNIS e a União das Mutualidades”. Neste sentido, continua aquela nota, “a UMP manifesta neste momento o seu reconhecimento, a

todos os provedores e profissionais das Misericórdias que sempre acreditaram na bondade da solução defendida, e muito especialmente ao primeiro-ministro, ao ministro da Solidariedade e da Segurança Social e ao secretário de Estado da Solidariedade e da Segurança Social, que foram incedíveis no empenho para encontrar uma solução justa no quadro legal”.

Ainda segundo o novo diploma, reconhecendo a dimensão da intervenção das instituições, foi aprovada a Lei de Bases da Economia Social que “constitui um quadro jurídico específico que promove e estimula o desenvolvimento da economia social e estabelece os princípios gerais do relacionamento do Estado com estas entidades”, incumbindo-lhe expressamente apoiar a sua atividade. “Este reconhecimento, que deriva de um imperativo constitucional, legitima a

manutenção de um regime específico de que estas entidades são já detentoras mercê dos fins de solidariedade social que prosseguem”.

Outra novidade importante deste diploma é o facto de esclarecer, sem margem para dúvidas, a isenção tributária (IRC) a que têm direito as Misericórdias. Conforme se lê no decreto-lei de 2014, “as entidades do setor social que detenham farmácias abertas ao público, concorrendo com os operadores no mercado e em atividade ao abrigo do preceituado na 2.ª parte do n.º 4 da base II da Lei n.º 2125, de 20 de março de 1965, mantêm-se abrangidas pelo regime legal e fiscal das pessoas coletivas de utilidade pública e de solidariedade social”. Sobre a legislação de 1965 ver caixa

Para o presidente do Secretariado Nacional da UMP, este processo legislativo deve mesmo ser entendido no quadro da economia social. Para Manuel de Lemos, nenhuma área de negócio, desde que os limites éticos não interfiram com a natureza e identidade das instituições, deve ser vedada às Santas Casas.

Recorde-se que esta novidade apenas diz respeito às Misericórdias cujas farmácias surgiram ao abrigo do diploma de 1965. Contudo, as farmácias com fins sociais continuam a ser alvo de debate, tendo mesmo sido criado um grupo de trabalho. Coordenado pelo Infarmed, e com representantes da União das Misericórdias Portuguesas, da União das Mutualidades, do Ministério da Saúde e também do Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, o grupo tem como objetivo analisar as questões relativas às farmácias do setor social. Por um lado, rever todo o clausulado do decreto-lei 307/2007, que desde a sua criação já sofreu cinco alterações, mas também estabelecer um novo enquadramento para a atividade farmacêutica das Misericórdias e das Mutualidades.

O novo diploma, o decreto-lei 109/2014, entrou em vigor a 11 de julho e produz efeitos reportados a 30 de junho.

Farmácias para fins estatutários

Foi em 1965 que o Estado concedeu às Misericórdias o direito de explorar farmácias. Na altura em que foi publicada a lei 2125, de 20 de março de 1965, as Misericórdias, frisou o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, eram as instituições responsáveis pela rede de hospitais que servia o país e, consequentemente, asseguravam a gestão de farmácias hospitalares. Para Manuel de Lemos, este é um dos aspetos determinantes para a compreensão do regime de isenção de que beneficiam as Santas Casas. Conforme se lê naquele diploma, “para cumprimento dos seus fins estatutários, as Misericórdias e outras instituições de assistência e previdência social poderão ser proprietárias de farmácias desde que estas se destinem aos seus serviços privados. As farmácias que estas instituições atualmente possuam abertas ao público podem continuar no mesmo regime.” Recorde-se que o diploma de 2014 apenas se aplica às Misericórdias cujas farmácias foram criadas no âmbito da legislação de 1965.

32

Farmácias sociais

Em Portugal, são 32 as Misericórdias detentoras de farmácias de oficina, ou seja, farmácias de venda direta ao público. Contudo, a atividade dessas instituições determina, em muitos casos, que haja farmácias para uso interno ou farmácias hospitalares. Tarouca, por exemplo, tem uma farmácia para uso interno e o provedor, Lucílio Teixeira, afirmou ao VM que ali movimentam-se mais fármacos que em muitos espaços comerciais. Atualmente, é nos Açores onde existe o maior número (oito) de farmácias sociais das Misericórdias. Ver mapa ao lado.

LISBOA E VALE DO TEJO 7

Alcácer do Sal
Arruda dos Vinhos
Cadaval
Canha
Cascais
Coruche
Tomar

CENTRO 4

Galizes
Guarda
Trancoso
Viseu

AÇORES 8

Angra do Heroísmo
Maia
Nordeste
Povoação
Praia da Vitória
Ribeira Grande
Santa Cruz das Flores
Vila das Velas

NORTE 7

Alijó
Braga
Póvoa do Lanhoso
Penafiel
Vila Verde
Vila Flor
Vila Nova de Gaia

ALENTEJO 6

Arraiolos
Crato
Cuba
Évora
Montemor-o-Novo
Portel

AÇORES

Para Manuel de Lemos, nenhuma área de negócio, desde que os limites éticos não interfiram com a natureza e identidade das instituições, deve ser vedada às Santas Casas



→ NATALIDADE MAIS BAIXA DA UE

Portugal registou a taxa de natalidade mais baixa da União Europeia, contrariando o aumento da população na Europa. Dados são do gabinete de estatísticas da UE.

Concorrência não faz qualquer sentido

Diante da novidade que representou o decreto-lei 109/2014, cinco dos provedores com que conversou o VM consideram que a **nova lei é justa**

Bethania Pagin

Durante os últimos cinco anos, 32 Misericórdias tiveram de lidar com a possibilidade de ver as suas farmácias convertidas em sociedades comerciais. Diante da novidade que representou o decreto-lei 109/2014, cinco dos provedores com que conversou o VM consideram que a nova lei é justa e recordaram que falar sobre concorrência não faz qualquer sentido: todas as receitas que dali advêm são investidas na ação social.

Segundo o provedor do Crato, Mário Cruz, aquela Misericórdia, conforme instruções do Gabinete de Assuntos Jurídicos da UMP, organizou e preparou todo o processo para criação de uma sociedade comercial, tendo inclusive pedido autorização à assembleia geral para avançar com a alteração, “mas sempre na expectativa de que nada disso seria necessário”.

“A lei não nem boa, nem má, é justa”, disse Mário Cruz, lembrando ainda que a farmácia visa apoiar a Misericórdia e, consequentemente, a comunidade. “Se a legislação de 2007 tivesse ido para frente, tenho a certeza que as Santas Casas acabariam por encerrar as suas farmácias. Ainda bem que não aconteceu.”

Bento Morais, provedor da Misericórdia de Vila Verde, tem argumento em consonância. Para aquele dirigente “a decisão é mais do que justa porque nesta Santa Casa apoiamos centenas de pessoas sem acordos e a farmácia representa uma fonte de renda para fazer face à ausência de acordos com a Segurança Social”. Ainda segundo o provedor, são cerca de 100 crianças e 30 os idosos sem acordo e, além disso, “também fornecemos medicamentos às nossas unidades e, em muitos casos, às expensas da Santa Casa”.

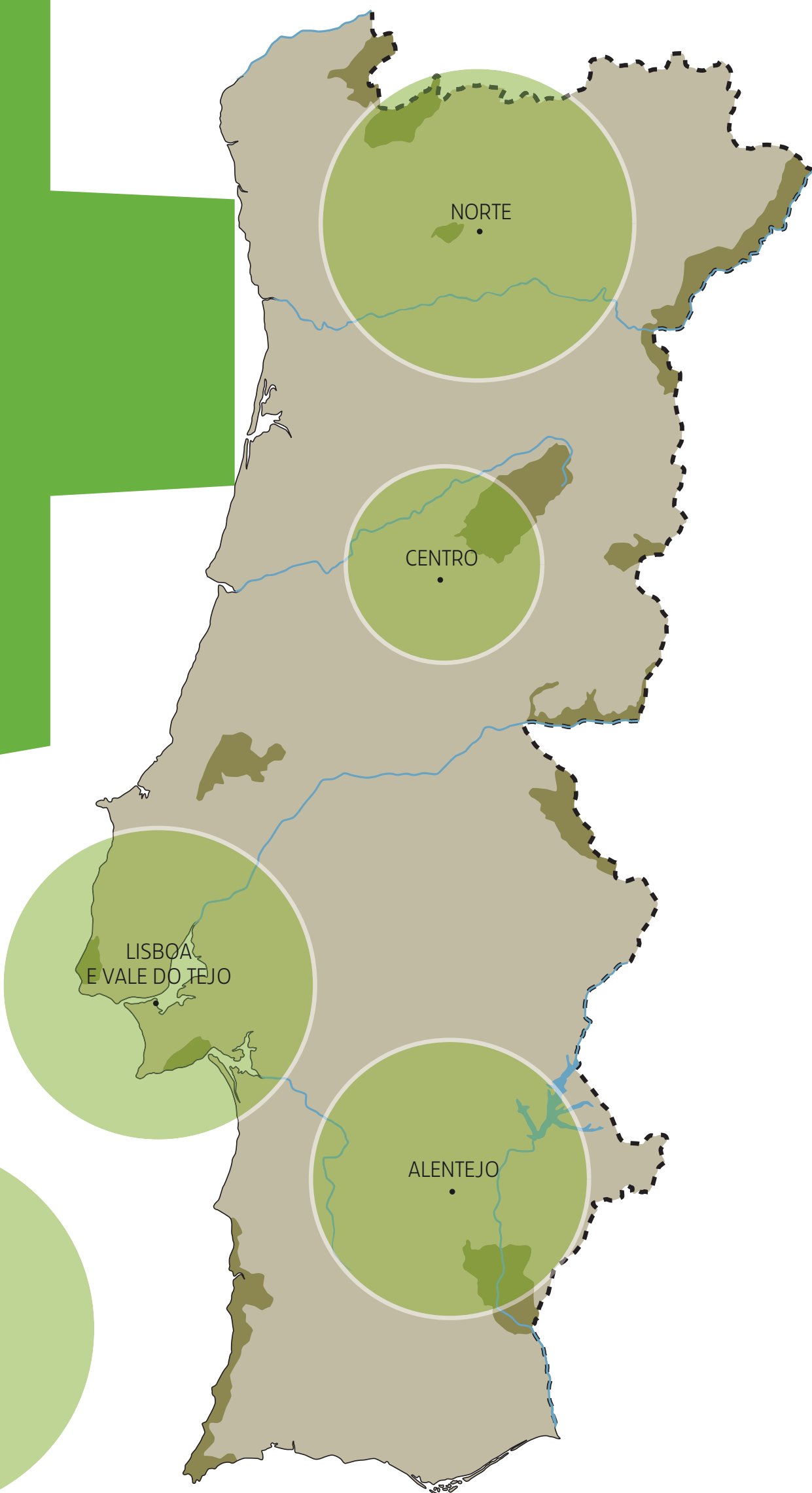
Bento Morais lembrou ainda que a origem da contestação partiu da Misericórdia de Vila Verde e rapidamente as congêneres de Braga e Póvoa de Lanhoso aderiram. Juntas, as três Santas Casas enviaram uma exposição sobre o tema ao primeiro-ministro, ao ministro da Saúde e também ao ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social.

Em Braga, o provedor Bernardo Reis destacou o trabalho da UMP ao longo deste processo, lembrando também que todas as respostas sociais são todas deficitárias e as receitas das farmácias visam melhorar a sua sustentabilidade, atenuando o défice. Para Bernardo Reis, é conveniente destacar que, na maior parte dos casos, os recursos gerados são destinados ao apoio de pessoas idosas, que vivem sem família e em isolamento e cujas pensões são mesmo muito baixas.

O responsável, que também é membro do Secretariado Nacional da UMP, afirmou ainda que a “reviravolta” na legislação pode representar um sinal claro por parte do governo de que é importante apoiar a economia social. Lembrando as palavras do economista Hernâni Lopes, frisou: “Ai de Portugal se no século XXI não fizer crescer exponencialmente a economia social”.

Mais ao sul, a provedora da Santa Casa de Cascais referiu que as famílias sentem cada vez mais dificuldade para compartilhar as respostas sociais e por isso é muito importante que haja fontes alternativas de financiamento. Através da farmácia é possível diminuir o défice da ação social.

Por isso, para Isabel Miguéns, não faz qualquer sentido falar sobre concorrência neste caso. Nas farmácias comuns, as receitas são de usufruto exclusivo do seu proprietário, o que não acontece com os estabelecimentos das Santas Casas, onde as receitas são investidas no trabalho realizado em prol da comunidade. “Não há concorrência”, mas há complementaridade. “Não podemos ser autistas e não perceber esta diferença”, disse, lembrando que as farmácias das Santas Casas são todas já muito antigas.



EM AÇÃO



Intervenção cada vez mais necessária em Paris

Ao completar 20 anos de existência, a Misericórdia de Paris lançou apelo ao voluntariado. **São cada vez mais os portugueses a precisar de apoio em França.** A meta é chegar aos 1000 novos voluntários

Bethania Pagin

A Santa Casa da Misericórdia de Paris celebrou 20 anos de existência com um apelo ao voluntariado. Para continuar a dar apoio aos portugueses em França, a instituição precisa de

mais recursos humanos. A meta é chegar aos 1000 novos voluntários. Para marcar o aniversário, além deste apelo à comunidade, a instituição organizou um colóquio, mas também foi inaugurado um novo jazigo, numa cerimónia de homenagem a 12 portu-

gueses sepultados naquele cemitério ao longo do último ano.

Durante o colóquio, que teve lugar no dia 14 de junho no Consulado-Geral de Portugal em Paris, o provedor afirmou que “sem sombra de dúvida, a intervenção solidária da Santa Casa é

cada vez mais necessária”. Lembrando que um pouco mais de um terço dos portugueses residentes em França dispõem de rendimentos mensais inferiores ao limiar de pobreza que, em França, é de cerca de 977 euros por mês, atualmente (60% do salário

médio), Joaquim Sousa destacou que “ninguém está livre de se encontrar em tal situação”.

Sendo certo que a atuação da Misericórdia foi alvo de constrangimentos relacionados com recursos humanos, para o provedor a conti-



→ AUMENTARAM AS FAMÍLIAS INSOLVENTES

Houve quase dez mil insolvências no primeiro semestre de 2014. Apesar do recuo nas falências de empresas, o número de particulares insolventes aumentou 17,5% face ao mesmo período de 2013.

nuidade do trabalho não se coloca em causa, mas convém salientar que todas as atividades promovidas foram-no graças ao empenho e à participação voluntária e benévola de alguns dos seus membros. “Foi assim com a visitação a enfermos, a detidos e a pessoas isoladas; com a participação dos jovens; com o Observatório da Comunidade e com as parcerias com associações e outros organismos”. Daí que para a Santa Casa de Paris, o aniversário tenha sido marcado por um apelo a novos irmãos e voluntários.

O antigo provedor, Aníbal de Almeida, que também esteve presente no colóquio, reforçou a ideia: “é nosso dever, moral e cívico, dar-lhe continuidade [à Santa Casa] e mobilizar todos quantos tiveram mais sorte e singraram na vida. Cada um deverá contribuir segundo as suas disponibilidades: uns apenas poderão aderir e pagar a quota anual, o que já é muito bom; outros, além da adesão, também poderão consagrar algum do tempo disponível; e, outros, o que já acontece, poderão contribuir com donativos”.

A atuação da Misericórdia de Paris tem sido alvo de alguns constrangimentos, mas a continuidade do trabalho não se coloca em causa

Aníbal de Almeida destacou ainda que “não foi viável concretizar, na sua globalidade o programa inicialmente estabelecido”. Em causa está a necessidade de mais pessoas comprometidas com a missão da Misericórdia de Paris, que não dispõe de meios financeiros que lhe permitam contratar assalariados.

“Por isso, todo trabalho é feito por voluntários. São pessoas de boa vontade que consagram algum do seu tempo disponível aos mais necessitados. O problema é que o seu número é extremamente reduzido, o que se traduz por uma sobrecarga de trabalho para aqueles que se disponibilizam e, por consequência, a impossibilidade de executar cabalmente tudo quanto conviria fazer”. Além disso, “contrariamente ao que se esperava, hoje a população necessitada é bem mais numerosa do que há vinte anos”.

Além do colóquio, as comemorações dos 20 anos contaram também com um momento religioso de inauguração de um novo jazigo da Misericórdia e homenagem aos 12 portugueses naquele cemitério sepultados no último ano. Além disso, a Santa Casa parisiense marcou presença na festa de santos populares da Rádio Alfa. Durante todo o dia 15 de junho, foi possível dar a conhecer a instituição à comunidade portuguesa, mas também sensibilizar novos voluntários.

Entrevista → Joaquim Sousa Provedor da Misericórdia de Paris

‘Batem-nos à porta histórias de vida dramáticas’

Que tipo de trabalho tem desenvolvido a Misericórdia de Paris?

No início da nossa atividade, em 1994, apercebemo-nos da escassez de dados fidedignos sobre a situação social dos portugueses em França. Empreendemos um trabalho de prospeção e de contactos junto de instituições diversas e observadores qualificados, que resultou na publicação da obra bilingue *Os Portugueses em França na Hora da Reforma* (2008). Além disso, temos dado prioridade a problemas específicos que ficam sem resposta: enfermos e detidos desamparados, falecidos sepultados anonimamente na vala comum, idosos e reformados com rendimentos insuficientes ou direitos adquiridos que eram perdidos, jovens e famílias com empregos precários ou mal remunerados, desempregados sem direito a subsídio e, ainda, recém-chegados sem alojamento e/ou trabalho. Demos passos importantes, mas muito resta a fazer.

Têm ideia de quantos são os portugueses em França atualmente?

É muito difícil avançar com números precisos. Os censos são um instrumento valiosíssimo para contabilizarmos os fluxos migratórios, mas a livre circulação, a migração temporária, a escolhas da nacionalidade por parte das segundas e terceiras gerações ou a alternância de residência entre os dois países dos reformados tornam essa tarefa complexa. Compulsando diversas estatísticas, um recente estudo de Jorge Portugal Branco (Embaixada de Portugal em Paris) estimava que residiam em França cerca de 1,2 milhões de portugueses, dos quais 490 mil portugueses, 320 mil franco-portugueses e 389 mil franceses de origem portuguesa. Mas é preciso ter em conta que, nos últimos anos, se intensificaram as saídas para França.

Nota-se um aumento de pedidos nos últimos anos? Por causa da crise muitos são os portugueses a deixar o país...

E não se trata apenas de uma migração de diplomados, como hoje está na moda dizer, embora esta seja inegável. Há um número mais consequente de portugueses que chegam sem formação universitária, procurando trabalho através das redes familiares ou de amigos. Infelizmente são cada



Joaquim Sousa, provedor da Santa Casa de Paris

vez mais os que não conseguem obter condições mínimas para uma vida condigna para si e para os seus. Tentar a sua sorte num país que conta com mais de três milhões de desempregados não é tarefa fácil. Batem-nos à porta histórias de vida dramáticas...

Há uns anos foi desenvolvida uma campanha relacionada com as pensões dos portugueses. Muitos não sabiam sequer que tinham direito a ela. Como está a situação atualmente? Os portugueses têm mais informação sobre os seus direitos?

Por ocasião do vigésimo aniversário, consagramos as Quartas Jornadas Sociais da Misericórdia de Paris à reflexão sobre o que se fez, o que poderia ter sido feito e o que conviria fazer no futuro. Até hoje, desenvolvemos uma importante atividade em prol dos mais desfavorecidos, mas muito mais poderia ter sido feito, se as condições o tivessem permitido. No que se refere à informação, há doravante um conjunto de documentação disponível em www.misericordiadeparis.com. Multiplicámos também as ações de sensibilização e de informação junto das associações e da comunicação

social. Neste aspeto, a situação melhorou significativamente. Todavia, temos de continuar a estar atentos e a atualizar a informação.

A Misericórdia de Paris lançou uma campanha para aumentar as pessoas em regime de voluntariado. Atualmente quantas são os voluntários e que tarefas desempenham?

A Misericórdia de Paris conta hoje com 15 irmãos e irmãs mais envolvidos no dia-a-dia. Depois, de forma mais pontual, temos a ajuda de umas quarenta pessoas. As tarefas mais regulares consistem em assegurar uma permanência telefónica quotidiana e uma permanência presencial semanal (quintas-feiras à tarde), para os casos de maior urgência. Entre os voluntários que asseguram as permanências, temos dois psicólogos e uma advogada. Os outros membros têm experiência no acolhimento de pessoas com dificuldades e são conhecedores do funcionamento das instituições francesas de apoio. Organizámos sessões de formação/informação para garantir uma melhor eficácia no atendimento.

A Misericórdia de Paris não dispõe de recursos para

contratar colaboradores e precisa, por isso, de voluntariado. Se conseguirem aumentar o número de voluntários, quais serão as principais áreas de trabalho a desenvolver?

A nossa atividade carece de, pelo menos, um colaborador profissional para coordenar todas as tarefas em que estamos envolvidos. Infelizmente, ainda não dispomos dos meios financeiros necessários. Os nossos projetos já são ambiciosos, mas precisamos mais voluntários. As permanências sociais permitem exprimir um sofrimento e uma procura de ajuda que hoje não podemos satisfazer na sua plenitude. Esta questão é vital. Está em curso uma campanha de sensibilização com o objetivo de chegarmos aos 1000 membros, assim como de obter a adesão empenhada de mais voluntários.

Quais são as fontes de financiamento da Misericórdia de Paris?

Temos as cotizações dos aderentes e algumas dádavas individuais. Algumas empresas da comunidade portuguesa têm-nos ajudado de uma forma muito especial e desinteressada. Organizamos ainda, no final de cada ano, um jantar de solidariedade, assim como uma recolha de géneros alimentícios. Temos juntado cerca de três toneladas de produtos não perecíveis para famílias necessitadas, com o apoio de muitas associações da área de Paris e das comunidades católicas. Programamos ainda para o próximo dia 5 de outubro, com o apoio de um empresário português, uma corrida pedestre apadrinhada pelo ex-futebolista Rui Barros, para divulgar as nossas atividades e recolher mais fundos.

Além dos voluntários, são importantes as parcerias institucionais. Quais são os principais parceiros da Santa Casa de Paris?

Sobretudo as associações da região parisiense. Assinamos mesmo protocolos de colaboração com cerca de duas dezenas. Também, naturalmente, com as comunidades católicas, em particular o grupo de jovens do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Paris, e com os consulados, nomeadamente no que diz respeito ao apoio que damos aos presos de origem portuguesa.

ENTREVISTA

‘Eficácia da ação social passa por uma grande proximidade’



Manuel Castro Almeida

Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional

Para Manuel Castro Almeida, às Misericórdias **está reservado um papel decisivo na construção da comunidade** que nós queremos ser

Bethania Pagin

Portugal prepara-se para receber o próximo quadro comunitário. Quais serão as áreas prioritárias de investimento?

A grande prioridade do Portugal 2020, o próximo ciclo de fundos europeus, é a competitividade das nossas empresas. Mais de 40% dos 25,6 mil milhões de euros que Portugal terá à sua disposição no próximo quadro financeiro europeu, incluindo as verbas destinadas à agricultura e pescas, será destinado ao reforço da competitividade e internacionalização da nossa economia. Os portugueses têm hoje à disposição um conjunto de infraestruturas que rivaliza com o que podemos ver nos países mais desenvolvidos da Europa. Não é aí que está o atraso do nosso país. O nosso maior défice é o da competitividade. Se as nossas empresas forem mais competitivas, vão vender mais, ou mais caro, e assim irão criar empregos ou pagar melhores salários. Só o aumento da competitividade das empresas poderá resolver o maior problema que os portugueses hoje enfrentam, que é a falta de dinheiro no bolso.

Também haverá espaço para o combate à pobreza e exclusão social?

Se a principal aposta do Portugal 2020 é na criação de riqueza e emprego,



o próximo ciclo financeiro não se esquece das muitas pessoas que estão excluídas da participação neste campeonato da competitividade. As crianças, idosos, doentes, dependentes de qualquer natureza, precisam de ajuda e os fundos europeus vão permitir que não deixemos ficar ninguém para trás. Para tal, foi criado pela primeira vez um programa, a que chamámos de “Inclusão Social e Emprego”, com uma dotação expressiva de 2,1 mil milhões de euros. Por outro lado, e ainda neste domínio, sublinho que o Fundo Social Europeu (FSE) vai ter no Portugal 2020 uma dotação que nunca teve até hoje. E essa é uma opção de que me orgulho e de todo o governo pode orgulhar-se. Vamos ter menos dinheiro para obras e mais dinheiro para ajudar as pessoas no processo de inclusão social, combate à pobreza e capacitação. O FSE recebeu no Quadro de Referência de Estratégia Nacional

(QREN) 6,8 mil milhões de euros e vai ter 7,5 mil milhões de euros no Portugal 2020, um aumento de 826 milhões de euros.

O acordo com Bruxelas foi assinado há alguns dias. Quando deverão abrir as primeiras candidaturas?

Portugal foi o quarto país da União Europeia – quarto entre os vinte e oito Estados-membros – a apresentar o Acordo de Parceria, e fomos o segundo país a apresentar todos os programas operacionais. Portanto, fizemos o trabalho de casa a tempo e horas. A expectativa que tenho, e a ambição do governo, é de termos movimentos financeiros do Portugal 2020 ainda este ano de 2014. Se conseguirmos isso, estaremos a antecipar em um ano aquilo que aconteceu há sete anos, no arranque do QREN. É para isso que estamos a trabalhar.

Sabemos que, pela primeira vez, haverá uma linha exclusivamente dedicada à economia social. Como avalia esta novidade?

O Acordo de Parceria assinado com a Comissão Europeia reconhece o papel-chave que as organizações da economia social desempenham, quer na geração de emprego, quer no suporte à concretização de parte relevante das políticas públicas nesta área. O Portugal 2020 irá cofinanciar instrumentos financeiros dirigidos ao investimento no empreendedorismo e inovação social. Irá também apoiar ações dos parceiros sociais com assento na Comissão Permanente de Concertação Social e dos parceiros representativos da economia social e com assento no Conselho Nacional para a Economia Social. Todos reconhecemos hoje a importância crescente da economia social. Essa

importância tem vindo a crescer nos últimos anos e vai crescer cada vez mais. Às Misericórdias, em particular, está reservado um papel decisivo na construção da comunidade que nós queremos ser.

Ainda no âmbito da economia social, que áreas considera serem estratégicas para o seu desenvolvimento?

A promoção da economia social passa por uma nova resposta social em parceria entre o Estado e as instituições da economia social. O Portugal 2020 assume o imperativo do reforço de medidas e programas sociais cruciais no combate às formas de pobreza e exclusão mais severas e duradouras, e, por outro, de uma intervenção sobre os fenómenos de pobreza acentuados pela crise económica e financeira que o país ainda atravessa. As prioridades do próximo ciclo são orientadas para

o combate às desigualdades sociais, impulsionando a inclusão ativa, e para o combate aos fenómenos de pobreza, através do reforço do apoio social aos grupos sociais mais vulneráveis. Vamos também melhorar a eficiência da proteção social, por exemplo, aumentando a proximidade das ações.

Alguma novidade no âmbito dos programas regionais?

Os programas operacionais regionais, que até agora dispunham apenas do Fundo Europeu do Desenvolvimento Regional (FEDER), vão no Portugal 2020 ter FEDER, mas também Fundo Social Europeu. Os benefícios para os gestores dos programas regionais, as comissões de coordenação e desenvolvimento regional, são evidentes. A eficácia da ação social passa por uma grande proximidade, pelo conhecimento da envolvente dos problemas que afetam pessoas concretas, as suas famílias, pessoas que são cada uma um caso. Mas se cada caso é um caso, é a qualidade da execução do FSE que ganha no seu todo com a proximidade conseguida através desta decisão de alargar aos programas operacionais regionais a gestão de verbas do FSE.

Entre outras reivindicações, o sector social tem apelado à necessidade de integrar as comissões de redação dos regulamentos. Haverá espaço para esta participação?

A elaboração do Acordo de Parceria e dos Programas Operacionais assentou num modelo participativo, que incluiu as organizações do sector social. A construção do edifício regulamentar do Portugal 2020 terá em consideração as preocupações dos diferentes parceiros e procurará alicerçar-se numa abordagem igualmente participada essencialmente no que respeita aos princípios a consagrar naquela regulamentação.

Sendo certo que a área da saúde tem sido e continuará a ser alvo de investimentos públicos e sociais, e considerando que o Governo tem vindo a solicitar às Misericórdias que aceitem a devolução dos seus hospitais e que invistam na rede nacional de cuidados continuados, acredita que faria sentido haver uma linha de financiamento dedicada exclusivamente a este tipo de cuidados? Está prevista?

A saúde continuará a ser uma área de intervenção significativa dos fundos da política de coesão, desde a consolidação da rede de equipamentos à qualificação dos serviços coletivos, incluindo no que respeita à promoção de uma intervenção integrada dos cuidados de saúde primários, hospitalares e continuados.



DEIXE A INFORMÁTICA CONNOSCO!
AS PESSOAS PRECISAM DE SI!

19 ANOS

JUNTO DAS:
Instituições Particulares Solidariedade Social
Santas Casas da Misericórdia
Associações Mutualistas

APLICAÇÕES

TSR - CONTABILIDADE ESNL
TSR - UTENTES IPSS
TSR - IMOBILIZADO ESNL
TSR - PRESCRIÇÃO ELETRÓNICA Módulo de Receitas, Meios Complementares de Diagnóstico.
TSR - LANÇAMENTOS AUTOMÁTICOS
TSR - ORDENADOS
TSR - UNIDADES DE SAÚDE Unidades de Cuidados Continuados, Hospitais, Clínicas, Fisioterapia, Imagiologia, etc.

TSR - STOCKS Por economatos, cozinhas IPSS.
TSR - SISTEMA INTEGRADO DE TESOURARIA TSR - Utentes, TSR - Bancos, TSR - Associados, TSR - Rendas, TSR - Caixas e Pagamentos a Fornecedores.
TSR - QUALIDADE Terceira Idade, Infância e Juventude, Apoio na Vida Quotidiana.
TSR - CONTROLO DE MEDICAÇÃO
TSR - VIATURAS
TSR - ASSOCIADOS/IRMÃOS IPSS
TSR - CONTROLO DE CORRESPONDÊNCIA
TSR - GESTÃO COMERCIAL
TSR - MÓDULO DE ORÇAMENTOS

TSR - PROCESSOS CLÍNICOS (UCC)
Última Versão (descrição de acordo UMP-TSR para a sua UCC)

WWW.TSR.PT

Rua dos Cutileiros, 2684 1º - Sala 11
4836-908 Guimarães
Tlf.: (+351) 253 408 326 (3L/BA)

Tlm.: (+351) 939 729 729
Fax: (+351) 253 408 328
Email: tsr@tsr.pt





VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Leia, assine e divulgue

Para assinar, contacte-nos: Jornal Voz das Misericórdias, Rua de Entrecampos, 9 – 1000-151 Lisboa
Telefone: 218110540 ou 218103016 **Email:** jornal@ump.pt

No ITAU construimos relações de confiança



- Rigor e redução de custos na gestão da sua alimentação.
- Estudo de soluções de parceria para renovação de cozinhas através da gestão do serviço de alimentação.

ITAU Instituto Técnico de Alimentação Humana, SA
Sede: Largo Movimento das Forças Armadas 3, Alfragide, 2610-123 Amadora • Tel. 210 420 400 • Fax. 210 420 490
Delegação Norte: Rua de Lionesa, Centro Empresarial B - R/C, 4465-171 Leça do Balio • Tel. 220 403 400 • Fax. 220 403 490
E-mail: itau@itau.pt • Internet: www.itau.pt

EM AÇÃO

UMP na plataforma ‘Dar e Receber.pt’

União das Misericórdias Portuguesas assinou um protocolo com a **Entrajuda e a Cáritas Portuguesa** no âmbito do projeto “Dar e Receber.pt”

Ana Cargaleiro de Freitas

A União das Misericórdias Portuguesas assinou, no dia 16 de julho, um protocolo com a Entrajuda e a Cáritas Portuguesa no âmbito do projeto “Dar e Receber.pt”. Esta plataforma visa facilitar a troca, entre pessoas e instituições, de bens, equipamentos, mas também de tempo. A Sociedade de São Vicente de Paulo também assinou o protocolo para integrar a plataforma.

Este alargamento com “entidades que congregam a quase totalidade das organizações que lutam diariamente contra a pobreza e prestam apoio aos mais necessitados” permitirá estender o apoio a todo o país, segundo o comunicado da Entrajuda e da Cáritas Portuguesa.

No âmbito desta nova parceria com a UMP e os Vicentinos, serão ministradas ações de formação para ajudar a promover a utilização da plataforma e potenciar uma intervenção social de proximidade, junto das famílias e dos meios onde estão inseridas.

Na prática, este projeto traduz-se numa plataforma informática nacional que reúne respostas de carácter social, muitas vezes dispersas, como uma bolsa de voluntariado, um banco de bens e equipamentos, etc. Segundo a organização, a escolha desta estrutura inovadora deve-se à “facilidade de acesso”, que torna a pesquisa, os pedidos e as ações de partilha mais simples e transparentes.

O projeto, desenvolvido pela Entrajuda e Cáritas Portuguesa, congrega neste momento mais de 3700 instituições de solidariedade e foi financiado no âmbito do POPH. Inspirada na atuação do Banco Alimentar Contra a Fome de Lisboa, o qual está, aliás, na génese da sua constituição, a Entrajuda estabelece uma ponte entre quem quer dar e quem precisa de receber, permitindo a criação de uma verdadeira cadeia de solidariedade onde voluntários, parceiros e benfeitores unem esforços para melhorarem, de forma estruturante e sustentável, o funcionamento das instituições de solidariedade social selecionadas.

A iniciativa visa permitir às instituições melhorarem os serviços prestados aos beneficiários, dotando-as de um conjunto de instrumentos e recursos de gestão e de organização capazes de potenciar não só a eficiência dos seus meios como a eficácia dos

seus resultados, assim como mobilizar e facilitar o envolvimento de pessoas e empresas que pretendam associar-se com a sua boa vontade, colocando à disposição das instituições de solidariedade social o seu trabalho, o seu conhecimento, a sua experiência, os produtos e serviços que produzem ou fornecem.

É o maior sítio português de voluntariado, tendo 25 000 voluntários registados e mais de 1300 instituições inscritas. Visa dinamizar o encontro de necessidades com as disponibilidades do voluntariado, juntando num mesmo espaço voluntários de todas as idades e níveis socioculturais, todo o

Esta plataforma visa facilitar a troca, entre pessoas e instituições, de bens, equipamentos, mas também de tempo

tipo de organizações e instituições na área da solidariedade social e ambiental e, por fim, empresas que tenham preocupações de sustentabilidade e de responsabilidade social.

O protocolo de cooperação foi assinado pelo presidente da UMP, Manuel de Lemos, nas instalações da Entrajuda, em Lisboa.

O documento já está disponível no site da União das Misericórdias.



Protocolo foi assinado pelo presidente da UMP

RECEITAS NAS MISERICÓRDIAS

Caldeirada de peixe de Vagos



INGREDIENTES: 6 PESSOAS

2 kg de batatas
3 cebolas
2 tomates
1 pimento vermelho
Meio alho francês
Meia curgete
2 folhas de louro
Salsa
Alho
Azeite e sal qb
3 postas de maruca
6 lulas
2 postas de raia

PREÇO:

€€€€€

MODO DE PREPARAÇÃO:

Colocam-se todos os ingredientes, em frio, no tacho, que deverá ficar bem fechado e cozinhar em lume brando.

PARA O MOLHO

Tritura-se uma concha do molho da caldeirada, com 4 dentes de alho e sumo de limão

CURIOSIDADE

Este prato, para um almoço na nossa Misericórdia, implica o consumo de seis sacos de batatas de 20 kg e mais de 60kg de peixe. O resto é na proporção

DIFICULDADE:

☺☺☺☺☺☺



→ PESAR NO PORTO

Faleceu recentemente o antigo provedor da Misericórdia do Porto. Segundo nota da Santa Casa, José Avides Moreira serviu a instituição ao longo de 30 anos. À família, os nossos sentimentos.

‘Sentir-se excluído faz mal a qualquer um’

Misericórdia da Amadora integra um **projeto transnacional para capacitar pessoas contra a exclusão**. Balanço foi apresentado a 4 de julho

Ana Cargaleiro de Freitas

“Sentir-se excluído faz mal a qualquer um. Este é um projeto vantajoso”. A afirmação é de Natalina Monteiro, uma das beneficiárias de um projeto de capacitação contra a exclusão da Misericórdia da Amadora. A iniciativa conta com a parceria da Associação Aproximar, mas envolve ainda outras duas organizações: uma do Reino Unido e outra da Hungria. Para fazer o balanço do trabalho, que decorre desde 2009, são organizados encontros periódicos e a 4 de julho a iniciativa teve lugar na Misericórdia da Amadora.

A iniciativa, financiada por fundos europeus, visa, em linhas gerais, promover a capacitação de grupos e pessoas em exclusão através da interação entre indivíduos. Um menos experiente e capacitado, outro já com qualificação e experiência de vida. A denominação dos técnicos para esta relação de partilha é “mentorização”, uma expressão que também intitula o projeto transnacional: MEGAN (Mentoring Excluded Groups And Networks).

Dedicado a beneficiários do Rendimento Social de Inserção, o projeto promovido Misericórdia da Amadora e pela Associação Aproximar já tem um balanço bastante promissor e tem-se focado na questão da empregabilidade. Adriano Fernandes, um dos responsáveis da Santa Casa pelo projeto, explicou ao jornal VM que a mentorização por si só não é a solução mas “facilita e acelera o processo de integração profissional”. Ao longo dos últimos cinco anos, o projeto MEGAN envolveu 130 indivíduos em situação de desvantagem socioeconómica. No final do processo, 42 indivíduos tinham arranjado emprego.

O trabalho tem uma dimensão interna, com as sessões orientadas nas suas instalações, e uma dimensão externa, que consiste na replicação do modelo noutras organizações. A disseminação do modelo é feita de duas maneiras: dando formação aos responsáveis de outras organizações para



Encontro teve lugar na Misericórdia da Amadora

que consigam reproduzir o modelo ou gerindo o processo de mentorização que ocorre noutra organização.

Na sequência do sucesso do projeto, Adriano Fernandes adiantou que em Setembro terá início uma nova iniciativa, desta vez alargada a quatro novos grupos: famílias monoparentais, jovens, desempregados de longa duração e minorias étnicas. Desta forma, pretende tornar o processo mais abrangente e não ter um único grupo alvo homogêneo. “Nós queremos crescer neste processo e tornar mais robustos e transversais os resultados”.

Além do caso português, durante aquele encontro transnacional foram apresentados os resultados dos outros países. Kalpana Kapoor, da NOMS

(National Offender Management Service), entidade responsável pela avaliação do projeto, foi o responsável pela apresentação deste balanço.

Para Kalpana Kapoor o facto destes três programas se desenvolverem em contextos diferentes contribui para “enriquecer o projeto”. Enquanto na Hungria o público-alvo é uma comunidade cigana com cerca de 500 indivíduos residentes na vila de Bag, no Reino Unido a metodologia está a ser aplicada em estabelecimentos prisionais.

No caso do projeto português, verificou-se o aumento das competências de leitura e escrita dos beneficiários, na Hungria registou-se uma melhoria das condições socioeconómicas, que se mantiveram após o processo de

mentorização ter terminado, e por fim, no Reino Unido o impacto traduziu-se numa maior empregabilidade e na melhoria da gestão do orçamento familiar.

Para além dos números, as evidências estão nos testemunhos partilhados na sessão. Sandra Dias partilhou com a plateia que entrou a medo no projeto mas sempre com uma grande expectativa de conhecer pessoas novas. Na altura encontrava-se desempregada e a participação no projeto ajudou-a a “melhorar a autoestima”. Desta experiência valoriza a amizade e a entreajuda entre os que ajudam e os que são ajudados: “Saíamos sempre [das sessões] com um sorriso nos lábios”.

Para Natalina Monteiro, além de “vantajoso”, a participação neste projeto também se traduziu naquilo que chama de “renascer”. Embora neste momento esteja desempregada, prepara-se para criar o seu próprio negócio e pode por isso ser considerada um caso de sucesso deste projeto de mentorização para a inclusão social.

A partir desta partilha, Kalpana Kapoor pôde constatar, com satisfação, que “as pessoas estão mesmo envolvidas no projeto”.

Recorde-se que a Santa Casa da Misericórdia da Amadora é uma das mais jovens do país, tendo sido criada em 1986. Em causa estava a necessidade de dar respostas aos problemas sociais daquele concelho.

Quotidiano em cena

No final da manhã a formalidade da sessão é interrompida pela espontaneidade das mulheres do Grupo de Teatro de Intervenção (GTI) da Misericórdia da Amadora, que descontraidamente descem os corredores laterais da sala e sobem ao palco. Rapidamente quebram a barreira entre o palco e a plateia e convidam o público a participar em exercícios de descontração.

De seguida, colocam em cena situações do quotidiano, marcadas pelo ritmo acelerado das cidades. Testemunhamos

confrontos e discussões, a indiferença dos condutores perante uma mulher invisuál que tenta atravessar a estrada. “O objetivo não é mostrar coisas bonitas mas coisas que nos acontecem”, explicou Daniela Leal, coordenadora do grupo, após a encenação.

Adriano Fernandes, da Misericórdia da Amadora, disse ao VM que o GTI promove a maximização das competências sociais das mulheres beneficiárias de RSI, abordando diferentes “representações etárias, culturais e de género”.

VOLTA A PORTUGAL

Centro comunitário inaugurado no Fundão

O secretário de Estado da Segurança Social, Agostinho Branquinho, inaugurou no dia 29 de junho, as obras de requalificação do Centro Comunitário das Minas da Panasqueira, da Misericórdia do Fundão. A intervenção no edifício permitiu o aumento da sua capacidade, agora com 54 camas. A requalificação resulta de um investimento de 1,5 milhão de euros, no âmbito do programa POPH / QREN.

Porto assina protocolo com universidade invicta

A Misericórdia e a Universidade do Porto assinaram um protocolo de cooperação, no dia 25 de junho, para a criação de um Observatório Social da cidade, que pretende definir linhas de atuação estratégica para os novos problemas sociais. Tanto o provedor António Tavares, como o antigo reitor Marques dos Santos, sublinharam ser “fundamental” a cooperação entre as instituições da cidade.

494

Festa em Torres Vedras

A Misericórdia de Torres Vedras celebrou 494 anos. O programa de comemorações arrancou com a celebração de uma eucaristia presidida pelo Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.

Música e desporto no aniversário de Esposende

A Santa Casa de Esposende celebrou recentemente 435 anos. Para marcar a data, a Misericórdia preparou um dia repleto de atividades. Além de uma missa celebrada pelo arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, o evento contou também com um concerto levado a cabo pelo Coro de Pequenos Cantores de Esposende. Algumas respostas sociais organizaram atividades, entre elas, um torneio de malha.

Pós-graduação sobre saúde em Barcelos

Os cuidados continuados integrados vão ser o tema em destaque nas IV Jornadas da Saúde, promovidas pela Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, e na pós-graduação que irá decorrer em parceria com a Universidade Lusíada. De acordo com o provedor António Pedras, estes eventos refletem a preocupação da instituição na saúde, “um dos principais fatores de coesão social”.

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36
37	38	39	40	41	42
43	44	45	46	47	48
49	50				



Uma aposta em Boas Causas

Este é o outro lado dos jogos.
Sempre que aposta, está a apoiar
instituições que todos os dias
levam esperança, conforto e sorrisos
a milhares de pessoas em todo o país.
Aposte nos Jogos Santa Casa.
Se ganhar, vai fazer muita gente feliz.
Se não ganhar, também.



→ ÉBOLA DECLARADA EPIDEMIA MUNDIAL

A Organização Mundial da Saúde considerou recentemente que estão reunidas as condições para declarar a epidemia de ébola uma “emergência de saúde pública de carácter mundial”.

Cortejo de oferendas é símbolo de união

Mais de **30 carros** compuseram o cortejo de oferendas à **Misericórdia do Vimieiro**. Desfile teve lugar a 19 de julho

Patrícia Leitão

Há cerca de trinta anos a Santa Casa da Misericórdia de Vimieiro recuperou o que deve ser uma das mais antigas tradições das Misericórdias e que é ainda um hoje um símbolo de caridade. O cortejo de oferendas consiste numa espécie de desfile pelas ruas composto por carinhas ou tratores que transportam as ofertas que foram feitas à instituição.

Este cortejo realiza-se anualmente no decorrer das festas de verão da Santa Casa e este ano foram cerca de 30 os veículos que percorreram grande parte das ruas de Vimieiro durante mais de duas horas, mostrando à população as oferendas, a maioria feitas por agricultores da terra, e fazendo com que os populares saíssem à rua para ver passar o cortejo bem como os bens a leiloar nessa noite durante o baile.

“Quando recuperámos esta tradição, na altura também com o propósito de angariar verbas para pagar os subsídios de férias dos poucos funcionários que tínhamos, o cortejo era bem mais pequeno, mas ao longo dos anos ganhou dimensão e neste momento percebemos que há um grande carinho e respeito por esta tradição e



Pela primeira vez, cabrestos guiados por cavaleiros abriram o cortejo

todo o seu simbolismo”, reconhece o provedor Aurelino Ramalho.

O provedor acredita que, presentemente, não é a verba angariada no leilão o mais importante, até porque “neste momento temos cerca de 80 funcionários e o seu fim não é o mesmo e quase sempre é quem faz a doação que acaba por comprar as oferendas”. Interessa mais, continuou, “o espírito de cooperação e de união de esforços em prol da Santa Casa até mesmo como um reconhecimento por

Bezerros, ovelhas, um porco, fardos de palha, cereais, lenhas, entre outros, foram as oferendas feitas da terra para a terra

parte da comunidade da importância da instituição e das suas tradições”.

Com o provedor a coordenar tudo, uma carrinha da Santa Casa lidera o cortejo e vai anunciando a sua passagem com altifalantes e é neste momento que vemos a população de diferentes gerações sair à rua para assistir ao reviver desta tradição.

Este ano, e para surpresa de todos, logo em seguida surgiam vários cabrestos guiados por cavaleiros e era então que começava o desfile das

oferendas por entre os vários veículos que compunham o cortejo. Bezerros, ovelhas, um porco, fardos de palha, cereais, lenhas, entre outras coisas, eram algumas das oferendas, feitas da terra para a terra, que podiam ser vistas no cortejo.

No fim do cortejo segue uma ambulância, pois é também tradição que se ofereça dinheiro ao longo do cortejo. Junto à ambulância seguem alguns técnicos da Santa Casa que recolhem o dinheiro para colocar em faixas que para esse fim são especialmente colocadas no veículo e apontam o nome de quem deu o seu contributo.

Aurelino Ramalho é um forte defensor desta tradição e entende que “se a perdermos estamos a perder algo que é verdadeiramente tradicional e a empobrecer o nosso país”, afirma o provedor, que reconhece ainda a sua admiração por, mesmo em tempos de crise, a comunidade continuar a colaborar e a fazer doações, o que “é incrível”, pois “até mesmo quem não pode estar presente faz questão de enviar o seu contributo”, confidencia.

Joaquim Cotovia, feitor na casa agrícola de António Lopes Aleixo que este ano ofereceu um bezerro à Santa Casa do Vimieiro, é dos participantes deste cortejo desde o primeiro momento do regresso desta tradição. Em conversa, confessou ao jornal Voz das Misericórdias que “enquanto puder podem contar comigo”, pois “esta instituição é muito importante para a nossa terra e merece ser ajudada”, assegurou convicto.

Visita do Ministério da Saúde angolano

A UMP recebeu recentemente a visita de uma delegação do Ministério da Saúde angolano. Em causa está o projeto “Obrigado, mãe”

A UMP recebeu recentemente a visita de uma delegação do Ministério da Saúde angolano. Em causa está o projeto “Obrigado, mãe”, que visa qualificar profissionais com vista a reduzir os índices de mortalidade neonatal e materna. O projeto, que conta



Reunião teve lugar na sede da UMP

com a participação e Escola Superior de Enfermagem São Francisco das Misericórdias (ESESFM), da UMP, na qualidade de assessor científico, está a ser desenvolvido em parceria através da Cáritas Angola, da FEC, IPAD-CICL, a Fundação Calouste Gulbenkian e o governo angolano.

A funcionar em Benguela, o projeto “Obrigado, mãe” visa melhorar dois aspetos essenciais: a prestação de cuidados de saúde materno-infantil e a gestão e a sustentabilidade das unidades de saúde alvo nas províncias de Benguela, Huambo e Bié. Para o

feito, serão formados 70 enfermeiros e parteiras.

A visita à sede da UMP, pela assessora do ministro da Saúde, Fernanda Cardoso, e pelo responsável pelo ensino pós-graduado do mesmo Ministério, Oscar Isalino, visava a troca de impressões sobre o projeto desenvolvido em parceria pelos dois países. Foi no dia 29 de julho e também esteve presente o diretor da ESESFM, João Paulo Nunes.

O responsável explicou que o projeto visa criar um modelo de trabalho que possa ser replicado no país.

EM AÇÃO



Mortágua com novos apoios à deficiência

Santa Casa da Misericórdia de Mortágua inaugurou no começo do mês de Julho um **lar residencial e um CAO** para pessoas portadoras de deficiência

José Alberto Lopes

“Hoje é um dia de especial importância, depois de muita persistência e tenacidade, com a inauguração deste novo equipamento social. Este foi um desafio ganho, pela dinâmica, profissionalismo e maturidade das pessoas envolvidas no projecto”. Foi com estas palavras que José Júlio Norte, ex-provedor da Misericórdia e atual presidente da câmara de Mortágua, salientou a relevância do momento que se viveu no dia 4 de julho, com a inauguração do lar residencial e centro de atividades ocupacionais para pessoas portadoras de deficiência da Santa Casa de Mortágua.

Foi um sonho concretizado, cujo mérito José Júlio Norte não se esqueceu de partilhar com outros dois provedores - o seu antecessor, Vítor Seabra, e o seu sucessor, Vítor Fernandes -, destacando igualmente o trabalho e o envolvimento de Afonso Abrantes, presidente da autarquia de Mortágua durante 24 anos, e de Ma-

nuel de Lemos, presidente da União das Misericórdias Portuguesas, a quem prestou uma sincera e emocionada homenagem, “pela sua disponibilidade, entrega, persistência e resiliência em busca das melhores soluções, em nome dos interesses das Misericórdias, e por ser uma acérrimo defensor das nossas causas, em especial das pessoas mais vulneráveis”.

O lar residencial representa uma nova resposta na atividade desenvolvida pela instituição, que possui atualmente lar de idosos, centro de dia, apoio domiciliário, ATL, creche e uma unidade de cuidados continuados, estruturas que foram visitadas de manhã pelas entidades presentes no evento. A comitiva seguiu posteriormente para o novo lar residencial e centro de atividades ocupacionais, que recebeu a bênção do padre António Correia Alves antes da visita às instalações.

Trata-se de um equipamento social que vai permitir uma resposta integrada e um apoio de proximidade a um sector da população que é extremamente vulnerável, constituindo ao mesmo tempo um apoio às famílias que têm pessoas com deficiência a seu cargo, enfrentando muitas vezes grandes dificuldades no dia-a-dia, dada a necessidade de cuidados especiais e um acompanhamento permanente.

No lar haverá capacidade para 24 utentes em residência e mais 24 que os pais ou o serviço de transporte da Misericórdia poderão ir buscar e levar a casa todos os dias.

À sessão solene presidiu a mesa composta por Júlio Norte, presidente da Câmara Municipal de Mortágua, Agostinho Branquinho, secretário de Estado da Solidariedade e da Segurança Social, Manuel de Lemos, presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), Afonso Abrantes, presidente da Assembleia Municipal

Para secretário de Estado, importa levar competências e poder de decisão para as pessoas que conhecem as carências locais

de Mortágua, e Vítor Fernandes, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Mortágua.

Na sua intervenção, Vítor Fernandes fez um breve historial da existência da Santa Casa da Misericórdia de Mortágua, destacando o pioneirismo da mesma em termos de rede de cuidados continuados, cujo projeto-piloto foi aprovado em 2006. Enalteceu o entusiasmo, querer e humanismo de José Júlio Norte e o seu papel preponderante para a inauguração da obra, salientando igualmente o trabalho

incansável dos 128 colaboradores da Santa Casa de Mortágua, desde técnicos superiores até ajudantes, na organização e preparação do evento. Terminou com dois reptos, um para o presidente da autarquia, a quem pediu colaboração para a aquisição de uma carrinha para transporte de utentes, e outro para o secretário de Estado, pedindo apoio ao Estado para a urgente ampliação das instalações do lar de idosos, “que já não responde à procura de uma população cada vez mais envelhecida”.

Por sua vez, Manuel de Lemos começou por referir a sua relação afetiva com o concelho de Mortágua, desde os seus 18 anos, afirmando conhecer bem as necessidades sociais e as carências da sua população. Considerou que este era, efetivamente, “um dia de festa para a Misericórdia de Mortágua”, distribuindo o mérito deste novo equipamento social pelos restantes membros da mesa, todos eles importantes para a sua concretização. Defendeu o trabalho em rede e a estreita colaboração entre autarquias, Misericórdias e o governo, “para dar respostas sociais de excelência, porque os cidadãos vão pedir cada vez mais ajuda às IPSS e às Misericórdias”. Agradeceu ainda o empenho do secretário de Estado e a forma aberta, alegre e disponível com que sempre trabalhou com as Misericórdias.

A finalizar a sessão, Agostinho Branquinho apontou Mortágua como “um exemplo paradigmático do Portugal que queremos construir”, baseando a sua afirmação naquilo que lhe tinha sido dado a ver, ao longo da manhã, em todas as unidades visitadas. Para o secretário de Estado, “importa levar as competências e o poder de decisão onde elas devem estar, para as pessoas que as sabem aplicar, que estão no terreno e conhecem as carências locais, deixando de lado a ideia de governo-patrão”.

No que respeita à área da deficiência, salientou a importância dos centros da UMP em Viseu, Borba e Fátima, pela forma como criaram uma visão estratégica social e definiram formas de atuação neste sector, um aspeto de que vão beneficiar outros equipamentos sociais, nomeadamente este novo lar residencial da Misericórdia de Mortágua. Terminou a sua intervenção com a resposta ao repto do provedor Vítor Fernandes: “Oxalá a Misericórdia consiga ampliar o lar de idosos, tendo para isso todo o apoio do governo, através do novo quadro comunitário 2014-2020”.

Segundo inquérito promovido pelo Gabinete de Ação Social da UMP, as Misericórdias apoiam diariamente cerca de 2700 pessoas com deficiência. Lar residencial, lar de apoio e CAO são as respostas mais numerosas.

Aprovada lei de economia social

França aprovou lei relativa à economia social, tornando-se no **terceiro país da Europa, depois de Espanha e Portugal**, com legislação específica

Ana Cargaleiro de Freitas

França aprovou, em Conselho de Ministros, o projeto de lei relativo à economia social e solidária (ESS), tornando-se no terceiro país da Europa a aprovar uma legislação específica para a economia social, depois de Espanha e Portugal.

O projeto de lei foi aprovado a 21 de julho pela Assembleia nacional, sem votos contra, um ano depois de ter sido apresentado em Conselho de Ministros, a 24 de julho de 2013.

De acordo com o gabinete de Carole Delga, secretária de Estado do Comércio, Artesanato, Consumo, Economia Social e Solidária, este projeto de lei pretende, entre outros, “consolidar a rede, a gestão e os instrumentos de financiamento dos agentes da ESS”. Para tal, vai facilitar o “financiamento das associações, fundações e mutualidades por instrumentos financeiros adaptados” de modo a criar alternativas aos “empréstimos bancários e assegurar o seu desenvolvimento”.

Ainda no que diz respeito ao financiamento, a lei prevê a criação de uma base jurídica para orientar os financiamentos especializados, direcionados para as empresas da ESS, focando esse financiamento nas empresas que demonstrem dificuldades económicas para se financiar nas “condições normais de mercado”.

De modo a implementar um “guia de boas práticas” será obrigatório para todas as organizações a divulgação anual da informação relativa aos assalariados e associados das empresas de ESS, nomeadamente a “política salarial”, a “territorialização da atividade e a concertação sobre a estratégia da empresa”.

“Pela primeira vez em França a lei define o perímetro da ESS, que reagrupa desta forma os agentes históricos da economia social, a saber as associações, mutualidades, cooperativas e fundações, mas também as novas formas de empreendedorismo social”, como por exemplo as sociedades comerciais que seguem um objetivo de utilidade social.



→ EXCESSO DE SAL E DOCES

Cerca de 65% das crianças com quatro anos comem doces diariamente e mais de 90% ultrapassam os valores toleráveis de sal para a sua idade, revelou a Universidade do Porto.

Cores garridas e desfile em Cabeço de Vide



Funcionárias organizam as marchas em todos os seus pormenores

Santos populares por todo o país

Sabemos que um pouco por todo o país as Misericórdias promovem convívios variados durante o mês de junho. Seja Santo António, São João ou São Pedro, o que importa mais é aproveitar a data para festejar. Como já tem sido habitual, pedimos fotografias do que se realizou no país e muitas foram as Misericórdias que responderam ao nosso pedido. A todas, mais uma vez, o nosso muito obrigado. As Santas Casas que colaboraram com imagens dos santos populares foram: Aguiar da Beira, Alcáçovas, Alfiates, Alfeizerão, Alhos Vedros, Aljubarrota, Almada, Almeirim, Anadia, Arganil, Arouca, Azinhaga, Barcelos, Cabeço de Vide, Carregal do Sal, Castelo Branco, Castelo de Vide, Cerva, Chamusca, Constância, Entroncamento, Évora, Fronteira, Ílhavo, Lagos, Louriçal, Maia, Mangualde, Marinha Grande, Montalvão, Murça, Nordeste, Oliveira de Azeméis, Palmela, Pavia, Penafiel, Ponta Delgada, Portalegre, Póvoa de Lanhoso, Reguengos de Monsaraz, Rio Maior, São Brás do Alportel, São João da Madeira, São Roque de Lisboa, Santa Maria da Feira, Santo Tirso, Sardoal, Sesimbra, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Sousel, Tarouca, Vagos, Vale de Cambra, Valença, Valpaços, Venda do Pinheiro, Vendas Novas, Viana do Castelo, Vila de Frades, Vila do Conde, Vila Flor, Vila Verde, Vila Viçosa, Vimeiro e Vimieiro.

São mais de 60 os elementos que compõem a marcha da Misericórdia de Cabeço de Vide que **há oito anos sai à rua nos santos populares**

Patrícia Leitão

“Lá vai a marcha a desfilarmos pela avenida, a Santa Casa veste-se de cores garridas, nasce de novo, vaidosa se vê ao espelho e vem lembrar as maravilhas do concelho”. Foi com este refrão da nova música que a Marcha da Santa Casa da Misericórdia de Cabeço de Vide se apresentou este ano e saiu à rua para mais uma vez surpreender a população com as suas coreografias.

Já há oito anos que na época dos santos populares a Avenida de Cabeço de Vide se enche de cor e alegria, arcos e balões, danças e coreografias. Tudo isto graças à boa vontade, empenho e dedicação das funcionárias da Santa Casa que, ano após ano, se unem para dar continuidade a esta iniciativa, que é também uma homenagem à sua mentora, que já faleceu, e que desde o

primeiro momento acreditou que era possível fazer algo diferente e marcante.

Engrácia Vaz é funcionária da Santa Casa há 24 anos e é agora também uma das principais impulsionadoras da marcha. Em conversa com o Voz das Misericórdias, garante que dar vida a esta marcha é bastante trabalhoso mas ao mesmo tempo “muito gratificante”, porque “ver o resultado final e ouvir os elogios de quem nos viu desfilarmos é a melhor recompensa que podemos ter”, atesta a colaboradora.

Ensaiai e coordenar 40 mulheres, a maioria funcionárias da instituição, e as 26 crianças do ATL não é tarefa fácil e por isso os preparativos e ensaios arrancam logo em maio. Ana Maria Caeiro é a principal responsável por todos os arranjos exteriores e cabe a Joana Madeira, que integra o rancho folclórico e por isso tem alguma experiência, ensaiar e a responsabilidade de criar novas músicas dedicadas à Santa Casa e à vila, sendo também a voz principal que se ouve no desfile da marcha.

É claro que todas dão o seu contributo até porque fazem questão de

que todos os anos haja novidades, algo diferente como as roupas ou os arcos, para manter as expectativas de quem assiste. Cada funcionária é também responsável pela confeção do seu fato mas contam com o apoio da instituição na compra dos tecidos, o que para Engrácia Vaz mostra o carinho que todas têm pela marcha.

“Para nós funcionárias é um momento muito importante, porque

Misericórdia de Cabeço de Vide lançou um CD onde constam todas as músicas originais que foram criadas ao longo de oito anos

apesar de todo o trabalho e esforço que implica é muito divertido, criamos laços mais fortes, e no fim ficamos sempre com a certeza de que vale a pena”, afirma.

Sendo esta uma marcha que tem origem na Santa Casa faz todo o sentido que os utentes também possam usufruir da sua alegria, e é por isso que o desfile termina sempre em frente à instituição, para que aqueles que não se podem deslocar possam

assistir às suas coreografias e ouvir as suas músicas.

Para Engrácia Vaz não há dúvidas de que este ano foi especial para a marcha, pois além de terem conseguido uma grande assistência, todo o desfile, coreografias, roupas e músicas mereceram rasgados elogios pela sua beleza e criatividade, que surpreendeu e superou todas as expectativas.

Este foi também o ano em que a marcha da Misericórdia de Cabeço de Vide lançou um CD onde constam todas as músicas originais que foram criadas ao longo destes oito anos. Gravado com o apoio da Câmara Municipal de Fronteira, as vendas deste CD vão permitir angariar algumas verbas para que a instituição possa continuar a investir na marcha que é um orgulho para Cabeço de Vide.

Quem canta no coro deixa as tristezas fora da porta. “Aqui esqueço a tristeza por não conseguir andar”, partilha Salette Duarte com um sorriso. Maria Justina quis logo participar no grupo quando entrou no lar. “A minha vida foi a trabalhar. A música representa uma vida nova para mim”.

EM AÇÃO

➤ Continuação da página anterior

- 1 Irmandade da Misericórdia e de São Roque de Lisboa animou a cidade
- 2 Em Penafiel o cortejo foi assegurado por um grupo de colaboradoras
- 3 Em Alhos Vedros, alguns idosos aceitaram o desafio das marchas
- 4 Flores de papel não faltaram para animar a festa na Póvoa de Varzim
- 5 Manjericos estilizados marcaram o São João em Almada
- 6 Muita cor e música animaram as ruas na Venda do Pinheiro
- 7 Em Valença, o cortejo saiu à rua acompanhado por jovens
- 8 Idosos dançaram e crianças assistiram em Barcelos
- 9 Em Lagos reinou a boa disposição durante as festas
- 10 Não há festa sem música e em Évora o bailarico foi animado





→ ‘RETOMAR’ COM POUCA PROCURA

Em 15 dias, foram apresentadas apenas 51 candidaturas ao programa Retomar, que visa apoiar com bolsas jovens que queiram voltar ao ensino superior.



OPINIÃO

Fabião Baptista
Mesário da Misericórdia de Castelo Branco

CONVÍVIO
VOLTOU
A FAZER-SE
EM CASTELO
BRANCO

Como já se tornou tradição, a Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco proporcionou aos utentes da estrutura residencial para as pessoas idosas, alojadas nesta instituição, um dia de alegria, boa disposição e são convívio, festejando com alvoroço a época dos santos populares.

Neste contagiante convívio estiveram presentes várias individualidades, tais como o presidente da edilidade municipal e presidente da Junta de Freguesia de Castelo Branco, a que se associaram os idosos que ainda se podem locomover, em número de mais de duas centenas.

Como não podia deixar de ser, saboreou-se a apetitosa sardinha assada e os gostosos e regionais enchidos, acompanhados de deliciosas saladas e do capitoso vinho da região, refrigerantes variados e a saborosa “sangria”.

Após a refeição, atuou o Grupo Coral da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, que interpretou vários trechos de música regional portuguesa e outras melodias do cancioneiro da Beira Baixa, rematando com o hino da Santa Casa, que a todos empolgou.

Por fim, o conjunto musical “Os Texanos” puseram tudo a dançar, nomeadamente aqueles a quem o reumatismo não atormenta ainda e então, era ver o deleite dos “Manéis”, roçando suas camisas brancas pelos folhos farfalhudos das “Marias”...

Foi um dia bem passado, ao ar livre, respirando, a haustos largos, a brisa fresca e tonificante que ventava da Serra da Estrela e a todos encantou.

À conquista dos céus de Fátima



Esta foi a terceira vez que a iniciativa “Cavaleiros do céu” decorreu em Portugal

O VM acompanhou as emoções do antes e do pós-voo vividas pelos **21 utentes do Centro de Deficientes Profundos João Paulo II**, que sobrevoaram Fátima

Maria Anabela Silva

Sentada na cadeira de rodas, Lucete Na Ufra, de 12 anos, olhava, com um misto de nervosismo e de entusiasmo, a azáfama que se vivia na pista do aeródromo de Fátima, enquanto esperava pela aeronave que a levaria a sobrevoar a Cova da Iria. Lucete fez parte do grupo de 21 utentes do Centro de Deficientes Profundos João Paulo II, da União das Misericórdias Portuguesas, que, no dia 28 de Junho, fizeram o seu batismo de voo, no âmbito da iniciativa “Cavaleiros do Céu”, que envolveu cerca de 200 crianças e jovens de várias instituições de apoio a deficientes da região de Leiria, Fátima e de Torres Novas.

Para Lucete não foi propriamente um batismo de voo. Natural da Guiné, já tinha andado de avião, na viagem que a trouxe para Portugal, onde

vive desde os cinco anos, mas há muito que havia esquecido a sensação de olhar o mundo de cima para baixo. Momentos antes de entrar na aeronave, que partilhou com Nuno, seu colega no Centro João Paulo II, e com David Henrique, professor de Educação Física na instituição, Lucete não escondia o nervosismo. Com um sorriso tímido no rosto, confessava ter “um pouco de medo”, apesar de gostar das alturas. Ao lado, Manuel Silva, piloto que haveria de os levar a voar pelos céus de Fátima, tentava tranquilizar os passageiros. A avaliar pela serenidade com que Lucete e Nuno ocuparam os seus lugares na avioneta, parece ter conseguido.

Instantes depois, as portas fecharam-se e a aeronave fez-se à pista, para um passeio que demoraria cerca de 15 minutos. Já em terra, Lucete contou que, lá de cima, viu “casas pequeninas e o Santuário”, enquanto Nuno imaginou ter visto a praia ao sobrevoar parte da Serra de Aire. “Não tive medo. Gostei e quero repetir”, disse Lucete. O mesmo sentimento era partilhado por Nuno, que não se esqueceu de dar os parabéns ao piloto pela forma como conduziu a avioneta.

NÚMERO

21

batismos de voo

Foi o número de utentes do Centro de Deficientes Profundos João Paulo II que fizeram o seu batismo de voo. As crianças e jovens frequentam a Escola de Educação Especial “Os Moinhos” e o centro de atividades ocupacionais da instituição

“No início estavam um pouco apreensivos a olhar para a rua, quase sem se mexerem. O Nuno estava mais descontraído. Mas, à medida que a viagem decorria, o nervosismo passou e os seus rostos eram o espelho da felicidade”, conta David Henrique. O professor, ligado à Escola de Educação Especial “Os Moinhos” do Centro João Paulo II, realça a importância destas iniciativas, que proporcionam experiências novas a este tipo de crianças e jovens, “habitados a verem o mundo a um nível mais baixo”. “Levantar voo já é uma grande experiência. Quanto mais poderem ver a terra lá cima.”

Antes de fazer a sua estreia nos ares, Ana Raquel respondeu a algumas perguntas de Irmad, o piloto francês que conduziria a avioneta. Munido de uma cábula e usando um português improvisado, Irmad ia perguntando o nome e a idade dos passageiros e se já tinham voado, também numa tentativa de criar alguma empatia com os companheiros de viagem. No caso de Ana Raquel, se havia nervosismo, disfarçava bem. Talvez saber que a seu lado iria Elizabeth Dias, educadora no Centro João Paulo II, ajudasse a acalmar os nervos. Já no ar, e depois

de “alguma ansiedade quando a aeronave ia a subir, foi só desfrutar e viver o momento, com muita felicidade”, conta Elizabeth Dias, aproveitando para agradecer à organização por “proporcionar uma oportunidade única, que o centro nunca poderia oferecer”.

“Para muitos, será a concretização de um sonho, que dificilmente poderiam realizar se não fosse esta iniciativa. Permitiu-se que estas crianças e jovens, com deficiências várias mas com alguma capacidade de entendimento, pudessem fazer o mesmo que os outros que não têm as suas limitações. Isto é deveras importante”, afirma a educadora.

O objetivo da iniciativa é mesmo esse: proporcionar “experiências diferentes a pessoas com necessidades especiais”, explica Pedro Lopes, porta-voz da organização. O responsável adianta que a atividade resultou de uma junção de esforços do Rotary Club de Crécý-en-Brie e do Lions Club de Montfermeil Coubron, associações dos arredores de Paris (França), da qual fazem parte vários emigrantes oriundos do concelho de Ourém. A essas instituições juntaram-se várias empresas da região de Ourém, que apoiaram a realização do evento, ‘apadrinhado’ também por Tony Carreira e Nel Monteiro, cantores que fizeram questão de marcar presença em Fátima.

“É extraordinário percebermos a alegria que podemos dar a estes meninos”, afirma Chantal da Costa, esposa do presidente daquele clube rotário, um empresário natural do concelho de Ourém, há muito radicado em Paris. Chantal conta que as cinco aeronaves usadas nos batismos de voo realizados em Fátima vieram de França, conduzidas pelos pilotos envolvidos nos voos e por membros da organização. Ela própria conduziu uma. “Ando a tirar o brevet e vim com o instrutor. Ao todo, fizemos cerca de nove horas de viagem, com duas paragens pelo meio para reabastecimentos”, revela.

Esta foi a terceira vez que a iniciativa “Cavaleiros do céu” decorreu em Portugal (em 2008 e 2010 realizou-se em Coimbra), mas a organização gostava de a repetir. “Se conseguirmos ter amigos que nos ajudem, seria bom todos os anos podermos fazer a mesma coisa”, referiu Manuel Silva, emigrante em França e membro do clube rotário de Crécý-en-Brie.

Recorde-se que em 2014 o Centro João Paulo II está a celebrar 25 anos de existência. Com capacidade para acolher 192 residentes em lar residencial, a sua equipa técnica é composta por 212 colaboradores.

EM FOCO



Grupo ensaia duas vezes por semana

Música é vida nova para os idosos

Na Misericórdia de Vila Franca de Xira, o **impacto do coro é “fenomenal”** e os idosos **sentem-se “úteis e valorizados”**. Quem canta no coro deixa as tristezas fora da porta

Ana Cargaleiro de Freitas

Chegamos ao Lar nº 1 da Misericórdia de Vila Franca de Xira pelas ruas estreitas e empedradas do centro histórico da cidade. Na entrada está Pedro Francisco, animador cultural da Santa Casa, que faz a chamada para o ensaio do coro enquanto nos guia pelo interior do lar.

As senhoras cumprimentam-nos com um sorriso e vão ocupando as cadeiras que lhes estão destinadas. Começam por fazer um aquecimento “cantarolando” algumas canções e algumas delas dispensam as partituras porque já sabem as letras de cor. “Imaginem que estamos numa casa de fados à meia-luz com uma garrafinha de tinto”, brinca o animador para descontrair os idosos. Todos cantam “Lisboa, cidade amiga” e se fechamos os olhos quase que podemos ver os xailes de fadista pendurados nos seus ombros.

Com o seu porte elegante, António Pinhão, que integra o grupo,

entra na sala e antecipa a chegada da maestrina, com quem é casado. Rosa Inocêncio fundou o grupo com Zaida Ratia, assistente social da instituição, há 23 anos e está ligada à história da Misericórdia desde os primórdios. “Tenho um amor a isto, não há ninguém que arranque daqui as minhas raízes”, partilha com o VM. Embora venha de uma família de músicos, a maestrina não estudou música: “Voei com as asas que tinha”, conta com um brilho no olhar.

“D. Rosa, agora estamos por sua conta. Estivemos só a aquecer as vozes”, diz Pedro, o animador cultural. Enquanto coloca o dossiê das partituras sobre a estante apresenta a primeira canção do repertório: “Esta canção é nossa, a letra foi escrita pela D. Maria Cordeiro, uma utente nossa”.

“Somos da terceira idade, já idosos sim senhor, já lá vai a mocidade, mas em nós ficou o amor”, cantam a uma só voz os treze elementos hoje presentes. Na canção que se segue as

Números

20 elementos Dezassete mulheres e três homens integram o coro. Entre eles utentes do lar e do centro de dia e o animador cultural da instituição.

32 anos O grupo coral da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira foi criado em 1991 por Rosa Inocêncio e pela assistente social Zaida Ratia.

90 anos Entre os vinte elementos do grupo o mais jovem é o animador cultural com 30 anos. O mais velho tem 90 e a média de idades ronda os oitenta.

vozes masculinas estão em destaque. “Eu não sei como te chamas ó Maria Faia”, começam os três homens do grupo, a que se juntam depois as vozes femininas.

“Estes ensaios têm sempre um objetivo, não é só fazer por fazer”, explica Pedro Francisco numa pequena pausa. Ao longo do ano, o grupo coral anima as principais festas da instituição (Natal, Carnaval, Páscoa, aniversário de um dos lares) e todos os meses atua na missa celebrada no Lar nº 2, pensada para os idosos com menor mobilidade. A convite de outras instituições, as vozes dos 20 membros do coro já se fizeram ouvir em Cascais, Ovar, Torres Vedras, Golegã, Alcobaça, Arruda dos Vinhos, Santarém, etc. Para a diretora técnica do lar, Sónia Salvado, o impacto do coro é “fenomenal” e os idosos sentem-se “úteis e valorizados” quando atuam dentro e fora da instituição.

“Vamos à rapsódia, não é preciso livro, só é preciso atenção. Preciso

das mãos livres, quero movimento”, diz a maestrina. As senhoras da fila da frente respondem ao pedido com entusiasmo e cantam com grande expressividade, ilustrando as letras com gestos: “É mentira, é mentira, é mentira sim senhor! Eu nunca pedi um beijo, quem mo deu foi meu amor”.

Prestes a completar nove décadas de vida, António Pinhão partilha com o VM aquilo que o trouxe ao coro. “A minha Rosa conseguiu arrastar-me para cá há três anos”. Quando enviuvou há dez anos a sua amizade com Rosa Inocêncio transformou-se numa bonita história de amor e desde então a vivacidade da minhota repousa no olhar sereno do ribatejano.

Quem canta no coro deixa as tristezas fora da porta. “Aqui esqueço a tristeza por não conseguir andar”, partilha Salete Duarte com um sorriso. Maria Justina quis logo participar no grupo quando entrou no lar. “A minha vida foi a trabalhar. A música representa uma vida nova para mim”.

TERCEIRA IDADE



Bodas de prata em Vila do Conde

Os 25 anos do lar da Misericórdia de Vila do Conde foram celebrados na presença de toda a comunidade no dia 27 de junho. **Momento foi de reconhecimento aos que tornaram aquele equipamento uma realidade**

Alexandre Rocha

Foi uma tarde em grande que se registou em terras vila-condenses no último dia 27 de junho, data escolhida para o encerramento das celebrações pelos 25 anos do lar de terceira idade da Misericórdia. Uma festa da qual participaram em peso familiares, funcionários e utentes dos inúmeros equipamentos da Misericórdia de Vila do Conde, cujo provedor, Arlindo Maia, foi um dos grandes homenageados pelo papel que representou na construção deste equipamento para a comunidade local.

Em reconhecimento à efeméride, associaram-se também à festa o secretário de Estado da Solidariedade e Segurança Social, Agostinho Branquinho, a presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, Elisa Ferraz, o arcebispo de Braga, D. Jorge Ortega e o presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), Manuel de Lemos.

Debaixo de uma tarde ensolarada, estes convidados especiais foram recebidos por um grande número de utentes, com as mais variadas idades,

que formaram do exterior até à entrada das instalações uma espécie de “corredor humano” pelo qual passaram sob aplausos, momento que seria mais tarde recordado em discurso pelo secretário de Estado como “motivador”. Já na chegada, Agostinho Branquinho quis elogiar a atuação da Misericórdia de Vila do Conde, e em declarações à imprensa, classificou-a como “um exemplo do que é hoje o Estado social”, praticado em parceria com as autoridades governamentais.

Um palco lotado de porta-estandartes das mais diversas organizações associativas da cidade e um auditório completamente preenchido aguardava-os e coube ao provedor a abertura da solenidade. Passando em retrospectiva o último quarto de século, do qual foi testemunha aos lemes da organização, Arlindo Maia trouxe à tona algumas lembranças das dificuldades enfrentadas. “Em 1989, a média da idade dos nossos utentes rondava os 68 anos e o grande desafio era de âmbito social: pessoas a viver em habitações degradadas e muitas vezes em solidão. Hoje, muita coisa mudou: esta idade média é de



→ 'PARTILHAR É O MELHOR REMÉDIO'

Há um novo sítio na Internet para doentes partilharem experiências. "Adoeci — Partilhar é o Melhor Remédio" é uma plataforma gratuita que já conta com meio milhar de utilizadores de Portugal e do Brasil.



Na sessão, provedor foi homenageado pela UMP

86 anos, porém quase 85% deles têm mobilidade muito condicionada, dando as necessidades das respostas sociais lugar à prestação de cuidados de saúde”.

Justo quanto ao tema “saúde”, o provedor quis também frisar a disponibilidade da instituição para reassumir a gestão do hospital de Vila do Conde, aludindo ao processo que é de conhecimento público da gradual devolução de diversos equipamentos de saúde da esfera governamental para as Misericórdias.

Agostinho Branquinho veio mais tarde referir estar a trabalhar em estreita parceria com a UMP neste sentido, o que classifica como de “elementar justiça” para com as Misericórdias. Reforçou também a importância deste modelo de parceria, frisando que “pensar que os problemas que estão relacionados hoje à dimensão das respostas exigidas à sociedade podem ser dada apenas pela administração pública é um erro tremendo. O Estado social moderno passa inevitavelmente pelo papel que as instituições de solidariedade social têm e terão no nosso país”.

Numa demonstração em números deste ponto de vista, o secretário de Estado frisou o pujante contributo representado pela economia social, dando como exemplo a Misericórdia local, que, empregando aproximadamente 800 trabalhadores, é uma das principais geradoras de postos de trabalho na cidade. A ocasião também foi aproveitada para anunciar a abertura nos próximos meses de quase mil novas camas para cuidados continuados em todo o país, mais de dois terços delas detidas pelas IPSS, num entendimento entre o Ministério da Saúde e da Segurança Social.

Apesar de tudo, os momentos de maior emotividade ainda estavam por vir, mesmo que num ecrã sobre o palco já tivessem sido projetadas imagens antigas do tempo da construção do edifício “aniversariante”. Um a um foram chamados os catorze mais antigos funcionários da casa, prestes a completarem também as bodas de prata ao serviço daquele lar da Misericórdia, de forma a serem homenageados com uma medalha concebida especialmente para o efeito pelo escultor Sousa Pereira.

Quando já não se pensava esperar mais surpresas, Manuel de Lemos confessou na sua intervenção ser portador de uma mensagem de congratulações à Misericórdia Vila-condense, revelando ao auditório que não só esteve na inauguração do lar há 25 anos, mas também envolvido na visitação de obras com a então secretária de Estado da Segurança Social da altura, Leonor Beza, que, na impossibilidade de comparecer, quis endereçar palavras de apreço pela data especial.

No coquetel que se seguiu para todos os presentes, o jornal Voz das Misericórdias encontrou e conversou com quem foi personagem ativo na história então celebrada. Gente como Maria da Piedade Graça, ajudante de lar, uma das funcionárias homenageadas. Quem melhor para contar de tudo o que de mais pitoresco se possa ter visto na instituição? “Mesmo na terceira idade nossos utentes ainda querem namoriscar entre eles. Já tivemos aqui dois casamentos, um deles duma senhora que nunca havia sido casada. São histórias que nos vão marcando”. Como último testemunho, não poderia faltar uma palavra de quem é o motivo final do existir daquelas instalações, tarefa que não é facilitada por conta da avançada idade dos utentes do lar. Mas encontramos com a dona Albina Azevedo, 87 anos, que ali reside há 11. “Como é viver aqui?”, quisemos saber. A sua simplicidade sintética resume-nos em poucas palavras tudo o que foi apresentado ao longo da tarde: “Eu sinto-me bem. As pessoas são minhas amigas. É bom viver aqui.”

Castelo de Vide investe em novo lar para idosos

O novo lar é motivo de orgulho e representa um investimento da Misericórdia de Castelo de Vide nos idosos, no futuro e no património

Patrícia Leitão

O mais recente investimento social da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide, o Lar de Santo Amaro, recebeu com grande orgulho o ministro da Solidariedade, Trabalho e Segurança Social, Pedro Mota Soares, que presidiu à inauguração oficial deste equipamento que vem dar resposta à necessidade que a instituição sentiu de ter condições para acolher mais utentes.

Embora já estivesse a funcionar há vários meses antes desta inauguração oficial, este foi sem dúvida mais um momento marcante na história da Misericórdia de Castelo de Vide, pois a abertura de um novo lar, cujo investimento permitiu ao mesmo tempo recuperar e valorizar o edifício do antigo hospital da Misericórdia, situado no centro nobre da vila e que estava degradado, é motivo de orgulho para uma Santa Casa que defende a manutenção do seu património.

“Para mim esta requalificação tem um significado especial, pois foi o meu pai, enquanto provedor, o responsável pela construção do

hospital que foi inaugurado em 1956. Funcionou enquanto hospital até ao 25 de abril de 1974, tendo em seguida sido utilizado como centro de saúde até à construção do atual centro de saúde de Castelo de Vide”, recorda Fernando Soares.

Tendo desde então ficado sem qualquer utilidade, foi com grande satisfação que a Misericórdia conseguiu avançar com este projeto, que é nobre na sua vertente social mas também na vertente de manutenção de um património que faz parte da história da instituição e de Castelo de Vide.

Fernando Soares explica-nos que o Lar de Santo Amaro surge pela necessidade que a instituição sentia em aumentar a resposta na área da terceira idade. “Já estamos lotados e se tivéssemos mais quartos mais utentes teríamos, pois a procura é muita”, constata. O provedor não esconde o seu orgulho no resultado deste investimento e acredita que ajudou a melhorar bastante o serviço prestado pela Misericórdia, embora lamenta que não seja suficiente para dar resposta a todos os pedidos que a instituição tem.

Entre as várias entendidas presentes esteve também o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, que mereceu um grande elogio por parte de Fernando Soares por todo o seu empenho e dedicação, pois “trabalha de dia e de

noite para não nos faltar informação”, constatou o provedor.

Por sua vez o presidente da União aproveitou a ocasião para agradecer “a cooperação” do ministro Mota Soares, afirmar as suas “expectativas” sobre o novo quadro comunitário e lembrar que “vai sobrar muito dinheiro do atual” QREN, o que “permitiria ainda” avançar com projetos e obras, mas “cá estamos sempre a fazer mais com menos” e “a ajudar os que precisam”, realçando a importância da cooperação do setor social com o Estado e as autarquias.

Em jeito de reconhecimento pelo seu trabalho ao serviço da Santa Casa de Castelo de Vide, o presidente da União das Misericórdias entregou uma placa a Fernando Soares e o ministro fez um grande elogio ao provedor por “dirigir incansavelmente esta instituição”, enaltecendo o seu trabalho e lembrando que “as obras não são paredes e equipamentos mas as pessoas que estão ao serviço”.

Com um investimento de cerca de um milhão de euros, comparticipados pelo InAlentejo, o Lar de Santo Amaro tem capacidade para acolher 36 utentes. O novo edifício da Misericórdia de Castelo de Vide dispõe de 20 quartos, salas de convívio com bastante luminosidade, uma ampla varanda comum com vista para a serra, e sala de refeições com capacidade para 50 pessoas, espaços para apoio médico e de enfermagem, entre outros.



Novo lar tem capacidade para acolher 36 idosos

CITAN - O parceiro ideal para as Santas Casas

Na Carclasse por 279€/mês*



A Carclasse renovou mais uma vez o protocolo com a União das Misericórdias. Em 2014, mantemos o objectivo de servir da melhor forma as Santas Casas e disponibilizamos as melhores soluções para aquisição e manutenção das suas viaturas.

Contacte-nos já e peça a sua proposta.

Norte

Rui Filipe Leite
Tel.: 919 109 300
rui.filipe@carclasse.pt

Lisboa

Frederico Santana
Tel.: 910 144 865
frederico.santana@carclasse.pt

*		Produto	Duração	Entrada	Valor
PVP	TAEG	Financeiro:	do Contrato:	inicial mínima:	Residual:
16.500€	5,13%	Leasing	48 Meses	4.125€	330,00€

Financiamento em Leasing Mercedes-Benz, para viatura Citan Furgão, 109 CDI.
Montante financiado: 10.060,97€. Despesas de Dossier 210,00€. Portes 2,20€/mês (incluído na renda).
Financiamento sujeito a aprovação.

Carclasse

Braga - Barcelos - Famalicão - Viana do Castelo - Guimarães - Lisboa
www.carclasse.pt - info@carclasse.pt Informações: 707 200 411



Mercedes-Benz



→ MALTRATAR ANIMAIS É CRIME

O parlamento aprovou recentemente a criminalização dos maus-tratos contra animais. Agredir um animal pode dar pena de prisão até um ano e abandono é punido com pena de prisão até seis meses.

Idosos juntos a cantar em Cascais

A iniciativa reuniu **cinco grupos corais** dos centros de dia da Santa Casa da Misericórdia de Cascais e contou também com três grupos locais convidados

Ana Cargaleiro de Freitas

“Cascais, mar oceano, do pescador és a vila maternal, varinas dizem cantando, sem ti Cascais o amor não é igual”. São estes os versos que se ouvem da plateia do Teatro Gil Vicente, cantados pelos idosos de um dos centros de dia da Misericórdia de Cascais. A iniciativa reuniu cinco grupos corais dos centros de dia daquela Misericórdia e contou também com três grupos locais convidados: Cantares da Terra, Estrela do Guadiana e o grupo de danças e cantares Nossa Senhora da Assunção.

Num ambiente de festa que reuniu pessoas de todas as idades, os grupos corais vão subindo ao palco, com visível satisfação e orgulho. Mas as vozes não provêm apenas do palco. Ao longo do espetáculo, os idosos da plateia acompanham o grupo em destaque com os versos ensaiados.

Ainda em cena, os idosos do Centro de Dia de Cascais, o mais antigo da Misericórdia, são acompanhados pelo Grupo de Dança e Cantares da Nossa Senhora da Assunção, um dos convidados do evento. Estes homens e mulheres descalços, vestidos como os pescadores e varinas do século XIX, revisitam nos seus trajes e canções as tradições do concelho.

Acompanhado pelo acordeão e pelo adufe, o numeroso grupo do Centro de Dia da Torre demonstra, de seguida, uma forte presença em palco. A vitalidade e o entusiasmo dos idosos contagiam o público da plateia, que acompanha com palmas as canções alusivas à sua terra.

A Tuna Sénior do Centro de Dia de S. Miguel marca pela sua irreverência e originalidade, envergando os tradicionais trajes académicos: “Um boémio sonhador, à meia-noite ao luar, vai pelas ruas a cantar...”. A acompanhar as vozes ouvem-se pandeiretas, cavaquinhos e um tambor, numa atuação repleta de energia e boa-disposição.

O grupo “Estrela do Guadiana” traz na voz as planícies douradas do Alentejo, sendo o único grupo de cante alentejano do concelho de Cascais.

“És meu torrão preferido, meu lindo Alentejo”, cantam em uníssono os 28 elementos do grupo. De seguida, entra em palco o grupo do Centro de Dia Natael Rianço para partilhar com o Estrela do Guadiana uma atuação, que convida à confraternização entre todos e termina com uma troca de presentes.

O espetáculo continua com o Centro de Dia Matos-Cheirinhos, que faz alusão às ceifeiras numa das suas canções. Com um sorriso no rosto, os doze elementos do grupo acompanham as melodias da voz com os ritmos do tambor, pandeiretas e maracas. As cantoras desviam-se e os dançarinos do grupo Nossa Senhora da Assunção invadem o palco. Dançam descalços pelo chão de madeira e vão-se movimentando em rodas e pequenos saltos.

O grupo Cantares da Terra entra em cena para cantar os parabéns à Misericórdia de Cascais, que este ano comemora 463 anos, enquanto a plateia se levanta e aplaude com entusiasmo.

Por fim, o Centro de Convívio de Vinhais sobe ao palco e juntos voltam a evocar o cancionário popular, primeiro com “Laurentina vem à

janela” e depois com “Ó verde-gaio toma lá dá cá”.

A festa termina com todos os grupos a cantar o hino de Cascais, num ambiente de visível fraternidade e união. No final do espetáculo, a provedora Isabel Miguéns dirige-se a todos os participantes e tece um rasgado elogio: “Cascais deve estar honrado com este programa que dignificou o concelho”. Na sua opinião este tipo de iniciativas pretende reconciliar o mundo das crianças e dos idosos, muitas vezes “divorciados”. “Vi aqui algumas crianças e jovens na plateia. Esta é a prova de que a vida sorri para toda a família quando os idosos estão ocupados e felizes”.

Para a provedora, a festa da Misericórdia de Cascais foi mais do que um encontro de gerações e um momento de evocação das tradições do país. Para além de ter permitido reunir os centros de dia do litoral e do interior do concelho, foi também uma forma de “unir a comunidade local” em torno da instituição. A Santa Casa da Misericórdia de Cascais tem inúmeros equipamentos de apoio à terceira idade. Para mais informação, consulte <http://www.scmc-senior.pt/>

Cuidados continuados já recebem utentes

Unidade de cuidados continuados da **Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco** começou a receber os seus primeiros utentes no dia 1 de agosto

Ana Cargaleiro de Freitas

A unidade de cuidados continuados integrados (UCCI) da Misericórdia de Castelo Branco recebeu os seus primeiros utentes no dia 1 de agosto. O acordo que viabiliza o funcionamento daquela unidade de saúde foi assinado no dia 29 de julho entre a Santa Casa, a Administração Regional de Saúde do Centro (ARSC) e o Centro Distrital da Segurança Social do Centro (CDSS).

O acordo abrange o funcionamento de 15 camas de média duração e 30 de longa, embora inicialmente estivessem previstas 31 camas de média e 17 de longa duração. No futuro, a intenção do provedor, Manuel Cardoso Martins, é aumentar o número de camas de média duração visto serem as mais solicitadas pelas entidades de saúde locais.

No dia 1 de agosto chegaram à UCCI os primeiros quatro utentes,

No dia 1 de agosto chegaram os primeiros quatro utentes, sendo que ao longo do mês a unidade será gradualmente preenchida

sendo que ao longo do mês a unidade será gradualmente preenchida com a entrada de quatro utentes por dia. Diante da garantia de abertura da unidade, referiu o provedor, a Misericórdia de Castelo Branco promoveu o recrutamento de profissionais, que estão desde o dia 1 de junho estiveram a receber formação.

A construção da unidade resulta de um investimento de cinco milhões de euros, dos quais 1,5 milhões são provenientes de um fundo da própria Misericórdia, 750 mil vieram através do Programa Modelar e outros 750 mil da Câmara Municipal de Castelo Branco. O restante valor, contou Manuel Cardoso Martins, resultou de um empréstimo contraído pela Santa Casa, que só avançou com a construção após a garantia do banco.

As camas não contempladas pelo acordo (11) poderão ser utilizadas pela Misericórdia a título particular.



Ambiente de festa reuniu pessoas de todas as idades

TERCEIRA IDADE

Dos mimos aos retratos para a posteridade

Santa Casa da Misericórdia de Murça abre as portas para mostrar a exposição **“A beleza não tem idade”**, com mais de 70 retratos de utentes

Patrícia Posse

Penteados diferentes, rostos maquilhados, colares sobre o peito, leques na mão, unhas pintadas, chapéus na cabeça, poses descontraídas e divertidas são alguns dos detalhes que se podem captar num olhar de relance sobre a exposição “A beleza não tem idade”, patente na Santa Casa da Misericórdia de Murça.

A ideia surgiu na sequência da comemoração do Dia da Beleza, que teve lugar em junho nos lares de Murça, Candedo e Fiolhoso. “Queríamos mimar as utentes, através deste embelezamento dos rostos, e valorizar a sua autoestima”, explica a animadora sociocultural, Sónia Rocha.

Para o provedor Belmiro Vilela, a atividade “valeu a pena por ver a alegria dos utentes quando se viam ao espelho e se viam transformados”. “Devemos ter a Santa Casa sempre em movimento para dar uma melhor qualidade de vida aos nossos idosos. Não é tê-los sempre no salão que resolvemos os problemas”, frisou.

Cada elemento da equipa multidisciplinar encarregou-se de uma tarefa: pentear, tratar da manicure, aplicar cremes, ajudar com os acessórios. A timidez inicial rapidamente se extinguiu, levando os utentes a seguir o exemplo dos mais destemidos. “Andavam todas vaidosas, mostravam as unhas pintadas, com diferentes cores ou brilhantes, às funcionárias, colaboradores e visitas”, relata a animadora.

Para a maioria, foi uma expe-



Mimar os utentes foi o objetivo da iniciativa

riência inédita e de descoberta dos encantos do universo feminino. “Foi a primeira vez que me pintei. Antigamente, a gente trabalhava muito e eu nunca tive muito esse feito de vaidade”, refere Ilda Bessa, 92 anos. Também Maria do Céu Mesquita, 84 anos, partilha da mesma opinião: “nunca na minha vida tinha pintado as unhas ou a cara. Achei muito bonito, mas não é o meu hábito”.

A atmosfera de salão de beleza que se recriou na sala onde habitualmente convivem deixou Cremilde dos Santos, 87 anos, impressionada. “Uma cortava o cabelo, outra penteava, outra pintava unhas. Os homens também se fantasiaram com lenços e chapéus. Foi uma tarde muito divertida.” No fim da azáfama, houve registos fotográficos, mas

sem imaginarem que essas imagens coloririam as paredes da instituição. “Fizeram-nos a surpresa de fazer a exposição e gostei muito. Até o meu filho veio cá e disse-me: nem pareces tu, estás tão bem”, conta Cremilde.

Na inauguração da exposição que reúne 73 fotografias, os familiares elogiaram a iniciativa, enquanto os retratados quase nem se reconheciam. “Diziam que não eram elas, que estavam lindíssimas”, revela Sónia Rocha.

Ao ver a imagem da mãe, agora com 87 anos joviais, Florinda Oliveira aplaudiu o facto de a exposição estimular os utentes, fazendo-os “recordar bons momentos já vividos, conviver, rir e ficar um bocadinho mais felizes”.

Os 84 anos de Domingos José Basílio perderam o peso, quando

vistos em formato de retrato: “pareço mais novo e bonito”. “Puseram-me um chapéu, mas gostei de me ver no fim”, admite o septuagenário Belmiro Urbano. Os olhos verdes de Sucena, a esposa, também não escondem o contentamento: “gostei de me ver, porque é sempre uma maneira de recordar a minha juventude”.

Maria Augusta Meireles sempre cuidou da sua imagem. Por isso, os 87 anos não impedem que goste de andar “sempre arranjadinha” e, na fotografia, esteja naturalmente “muito bem”. Afinal, como dizia Fernando Pessoa, a beleza é sempre mais do que é.

Inaugurada a 10 de julho, a mostra pode ser visitada até ao final de agosto, das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30, de segunda a sexta-feira.

Machico quer alargar respostas aos idosos

Santa Casa da Misericórdia de Machico lançou um projeto com vista a promover o **bem-estar e valorizar a autoestima** dos idosos do concelho

O Pólo Sócio Comunitário de Machico, da Misericórdia, vai alargar a sua atividade e quer levar uma série de outras respostas à terceira idade no concelho. Em causa está a promoção do bem-estar e a valorização da autoestima dos idosos.

Conforme explicou o provedor ao Diário de Notícias da Madeira, a Segurança Social assegura o programa de emergência alimentar e o apoio domiciliário na área da higiene, cuidados de saúde e limpeza da casa. A proposta da Misericórdia passa por complementar esses serviços.

“Não é propriamente fazer o que a Segurança Social faz. É dar um corte de cabelo, fazer a racionalização da medicação, fazer o tratamento das unhas dos pés e das mãos, pequenos consertos em casa, colocar o idoso a falar com os familiares na diáspora através de uns tabletes que a PT vai ceder”, contou Luís Delgado.

O projeto foi apresentado também pelo presidente da Câmara, Ricardo Franco, e pelo cónego Martins, páro-

O objetivo é apoiar, dentro de três ou quatro anos, os 5400 idosos que vivem sozinho em Machico, referiu o provedor

co de Machico, e arrancou com um grupo de cinco pessoas. O objetivo é apoiar, dentro de três ou quatro anos, os 5400 idosos que vivem sozinho em Machico, referiu o provedor.

“Vamos começar do zero. Primeiro há que inventariar, há que saber aonde é que os nossos idosos estão, como é que vivem”, explicou o cónego Martins, um parceiro privilegiado no contacto mais direto. A proximidade, a confiança e as visitas ao domicílio vão facilitar a ligação.

Acima de tudo, referiu o presidente daquela câmara municipal, é importante conhecer a realidade da situação em que as pessoas vivem. Para Ricardo Franco, esta pode ser uma das grandes mais-valias deste projeto.

Pernes com resposta às demências

Objetivo deste novo projeto é garantir cuidados adequados a pessoas portadoras de demência, apostando na **qualificação dos cuidadores**

Quatro projetos de novas respostas sociais da Santa Casa da Misericórdia de Pernes foram aprovados em reunião do Conselho Local de Ação Social de Santarém. A reunião teve lugar a 31 de julho e, entre outros projetos, foi aprovada a criação de uma unidade de cuidados especializados para doentes com demências.

Enquadrada no âmbito do projeto VIDAS – Valorização e Inovação em Demências, promovido pela União das Misericórdias Portuguesas, esta iniciativa será vocacionada para a saúde mental e pretende disponibilizar alojamento a dez utentes, alargando este serviço também a utentes do apoio domiciliário que tenham demências diagnosticadas.

Segundo nota da Misericórdia de Pernes, o objetivo principal deste novo projeto será garantir o nível de cuidados adequados a pessoas portadoras de demência, apostando na qualificação dos profissionais cuidadores, nomeadamente, no desenvolvimento de competências ao nível cognitivo e terapia relacional.

Soluções de Higiene Profissional

Protocolo de Parceria



Cozinha

Lavandaria

Tratamento
de edifícios

Higiene
Pessoal

Máquinas

Utensílios

Harmonização e consistência



Condições comerciais harmonizadas
Soluções técnicas comprovadas com vantagens para as operações

Mais-valias Económicas



Melhores condições comerciais
Redução de custos:
- Com produtos e soluções de higiene mais económicos
- Implementação de processos de higiene mais eficientes e rentáveis

Satisfação Técnica



Equipa Técnica para garantir a total satisfação e os padrões de qualidade

Flexibilidade e Decisão Local



Cada Misericórdia é independente na decisão de adesão ao protocolo, a quem e o que comprar

Diversey
for a cleaner, healthier future™
Tel.: 21 915 7000



FILTEX & RECICLAGEM

"Soluções de recolha para os seus têxteis..."



A empresa Filtex propõe à população, aos municípios e às empresas uma **solução completa, autónoma e gratuita** permitindo, através de colocação de contentores próprios, a colecta, a triagem e a valorização dos têxteis usados (vestuário, têxtil-lar, brinquedos, artigos de marroquinaria...).



SOLUÇÕES DE RECOLHA PARA OS SEUS TÊXTEIS

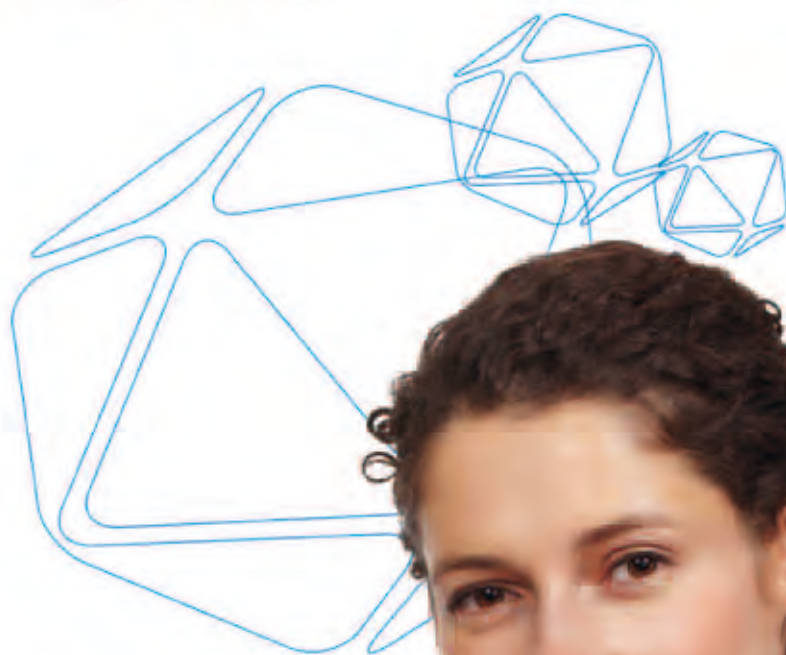
A RECOLHA E RECICLAGEM DOS TÊXTEIS USADOS



Sensibilizar a população para um futuro sustentável e solidário



ANÁLISES CLÍNICAS



www.bmac.pt

808 100 022



- > Rapidez na entrega de resultados
- > Envio de resultados por e-mail quando solicitado

> Acordos e Convenções

SNS (Serviço Nacional de Saúde)	PORTUGAL TELECOM
ADSE	CRUZ VERMELHA
MÉDIS	PORTUGUESA
MULTICARE	PSP
ADVANCECARE	ADMG (GNR)
CGD	TASFA (ADM, ADME, ADMFA)
SAMS	APDL
SAM SIBS	ALLIANZ
SAMS QUADROS	SAÚDE PRIME
MONTEPIO GERAL	OUTROS SUBSISTEMAS

Bragança 273 323 848
Estarreja 234 843 502
Faro 289 888 172
Guimarães 253 483 520
Lisboa 213 573 056
Moncorvo 279 254 264
Porto 226 057 870
Santo Tirso 252 830 440
Viseu 232 432 883

geral@bmac.pt

Líderes na Saúde.

PATRIMÓNIO

Louriçal recupera capela do século XVII



Capela recuperada foi inaugurada a 13 de julho

Com um investimento na ordem dos 240 mil euros, a Santa Casa da Misericórdia recuperou um dos espaços de culto mais antigos da vila do Louriçal

Filipe Mendes

A Santa Casa do Louriçal inaugurou, no passado dia 13 de Julho, as obras de restauro da sua capela, um dos espaços de culto mais antigos daquela vila, datado do século XVII, e que agora é de novo posto à fruição da comunidade, depois de ter estado fechado durante vários anos.

“É uma obra que nos enche de orgulho”, disse o provedor da Santa Casa da Misericórdia do Louriçal, António Rosa, ao jornal Voz das Misericórdias, e que, no seu entender, dará um contributo expressivo “para que o património cultural da vila e do concelho seja mais procurado e apreciado” pelos visitantes.

Este espaço, que a Santa Casa colocou “ao serviço da população”, está agora aberto aos sábados e domingos e

vai receber inúmeras atividades, estando já programadas duas exposições.

“A capela esteve fechada durante muitos anos e a sua abertura só foi possível graças à perseverança da Mesa Administrativa, que abraçou o projeto de restauro”, sublinhou António Rosa.

“Ao longo de três anos, a Santa Casa foi fazendo as obras e conseguiu recuperar, na totalidade, o edifício”, referiu o responsável, não escondendo o orgulho por ver agora este projeto terminado.

Com um investimento na ordem dos 240 mil euros, para levar a cabo esta empreitada, a Santa Casa do Louriçal contou com o apoio do município de Pombal, Junta de Freguesia e do Estado, através de uma candidatura a Fundos Comunitários do Sub-Programa 2 - antigo Programa Equipamentos - que se destinava à comparticipação de obras de construção, reconstrução, ampliação, alteração ou conservação de equipamentos urbanos de utilização coletiva, onde se incluíam equipamentos religiosos.

Na altura da celebração do protocolo, ficou acordado um apoio com

uma verba de 37.840 euros, cerca de 45% do custo elegível das obras candidatas a apoio (novo telhado e restauro de paredes).

“Foi uma grande luta que a Santa Casa teve de travar para conseguir trazer à luz do dia a beleza deste espaço de culto”, confessou o provedor.

Das obras agora concluídas e que decorriam desde 2011, fizeram parte a colocação de um novo telhado, restauro da torre sineira e do sino, das paredes interiores e exteriores, assim como da sala na parte inferior da casa do despacho, construção de casas de banho e acesso para pessoas com mobilidade reduzida, colocação de novo mobiliário, sistema elétrico, iluminação e segurança, colocação de novo soalho na sala do despacho, restauro das pedras, portas e janelas de todo o edifício, pintura dos frescos das paredes do interior da capela e a recuperação do retábulo maneirista da autoria do pintor Álvaro Nogueira.

“É um monumento que merece ser visitado e conhecido e é uma obra que tem dignidade”, concluiu António Rosa.

O presidente da Junta de Freguesia, José Manuel Marques, não tem

dúvidas que esta capela irá ajudar a colocar o Louriçal no mapa do turismo da região, principalmente ao nível da vertente do turismo religioso.

“Trata-se de uma peça arquitetónica com uma importância central para a região”, declarou ao nosso jornal o autarca, realçando a iniciativa da Misericórdia na sua recuperação e também a obra social e humanitária que a Santa Casa tem feito no concelho.

Nos últimos 15 anos, a instituição, apesar das “muitas dificuldades”, como assume o provedor, conseguiu construir um lar, com capacidade para 46 pessoas, um centro de dia para 32 e presta diariamente apoio domiciliário a outros 42 utentes.

A inauguração teve lugar no dia 13 de julho e começou com uma arruada da Sociedade Filarmónica Louriçalense, seguida por uma missa. Os convidados tiveram ainda a oportunidade de ouvir um breve resumo histórico sobre o templo, levado a cabo pelo historiador Nelson Pedrosa. Após o descerrar da placa que marcou a data, a cerimónia terminou com um convívio no lar da Misericórdia de Louriçal.

Penalva do Castelo investe no património

Santa Casa da Misericórdia de Penalva do Castelo **inaugurou núcleo museológico.** O novo espaço surgiu na sequência da recuperação da igreja

Bethania Pagin

A Misericórdia de Penalva do Castelo inaugurou recentemente um núcleo museológico. O novo espaço surgiu na sequência de um projeto para recuperação e valorização da igreja da instituição que passará a integrar roteiros turísticos da região do Dão e de Viseu. Contudo, para o provedor, Michael Batista, o mais importante foi mesmo o processo de recuperação da igreja e de parte do seu espólio.

Para fazer face ao desafio, revelou o provedor, a Misericórdia apresentou uma candidatura no âmbito do PRODER e para o efeito contou com o apoio institucional da Associação de Desenvolvimento do Dão. Segundo Michel Batista, a igreja da Misericórdia é o ex-libris do concelho e valorizá-lo significa valorizar a cultura local e regional. “Para quem não conhece o concelho até é difícil compreender

Misericórdia apresentou uma candidatura no âmbito do PRODER e contou com o apoio institucional da Associação de Desenvolvimento do Dão

a importância da nossa igreja para localidade”, referiu destacando que se trata de um “monumento que é referência turística”.

Além disso, explicou, uma parte significativa de peças estava em risco de se perder caso não houvesse uma rápida intervenção e assim nasce o novo núcleo cujo espólio foi organizado pela coordenadora do departamento de bens culturais da diocese de Viseu, Fátima Eusébio.

Aberto ao público durante três dias por semana, o espaço poderá ainda receber visitas guiadas através de marcação. O núcleo é composto por quatro espaços. O primeiro dedicado à história da Misericórdia de Penalva do Castelo. Segue-se uma sala dedicada à Paixão, outra composta por peças de arte sacra variada e, finalmente, um espaço de apoio à catequese mas que dantes era utilizado para a sopa dos pobres.

NOVO!



soft

MoliCare® Soft Air Active

Uma suave revolução nos cuidados de Incontinência



NOVO! Máxima suavidade

Capa em tecido não tecido para maior suavidade e conforto

NOVO! Aplicação mais fácil

Novo fecho em velcro que assegura uma aplicação mais simples



A nova MoliCare Soft Air Active é uma verdadeira suave revolução. Ela mantém o alto nível de segurança que já conhece e, além disso, é mais confortável. Agora disponível em 4 níveis de absorção.



ajuda a curar.



Cuidados e benefícios para todos

Graças às suas tecnologias, **Lindor Care** ajuda a melhorar a vida das pessoas com incontinência e facilita o trabalho dos seus cuidadores.

Fitas "Tira e Põe"

Facilitam a verificação e evitam mudas desnecessárias.



Transpirabilidade e Cobertura Textil

Favorecem a respiração da pele.



Sistema de Absorção de Odor

Mudas mais agradáveis.



Reabsorção Imediata

Absorve mais depressa.



Barreiras Antifugas

Menos necessidade de mudas.



Total Care Area

Dermoproteção que ajuda a proteger a pele.



Lindor Care.
Cuidados mais fáceis.



Número de apoio ao cliente: **962831913**
(2ªF a 6ªF das 9 às 18h. Excepto feriados nacionais)

VOZ ATIVA

EDITORIAL



Paulo Moreira
paulo.moreira@ump.pt

SÓ A GANÂNCIA
PODE EXPLICAR

Sendo certo que, tanto quanto se sabe, houve gestão danosa e várias e graves irregularidades, só a ganância e a desmesurada vontade de ter pode explicar, quanto a mim, este gigante imbróglio de consequências ainda não apuradas

Sobre os recentes acontecimentos envolvendo uma das instituições de referência no nosso sistema bancário, já quase todos os analistas e comentadores falaram longamente, escarpelizando as questões financeiras, o papel dos reguladores e a bondade e eficácia das soluções encontradas.

Sendo certo que, tanto quanto se sabe, houve gestão danosa e várias e graves irregularidades, só a ganância e a desmesurada vontade de ter pode explicar, quanto a mim, este gigante imbróglio de consequências ainda não totalmente apuradas.

É da natureza humana a dualidade entre ser e ter, constatando-se que nos tempos que correm se valoriza de forma exagerada o ter em detrimento do ser. Damos primazia aos bens materiais, que são indicadores de relevância social e sucesso pessoal, e em contraponto desvalorizamos as qualidades intrínsecas do ser humano, aquilo que o torna único e que é, de facto, a sua verdadeira riqueza. Trocamos facilmente afetos, companheirismo, amizade, solidariedade, moral e consciência cívica por meia dúzia de bens materiais que nos alimentam o ego e motivam muitas vezes a admiração e o respeito dos outros, ainda que frequentemente com uma pontinha de inveja que se torna bem evidente se, por acaso, caímos em desgraça e perdemos o nosso pequeno ou grande império.

É um facto que não se pode mudar a nossa natureza, mas se somos capazes do melhor e do pior no nosso relacionamento com o planeta e os seus habitantes, podemos e devemos fazer um esforço contínuo para valorizar, pessoal e coletivamente, o que de melhor há em nós, resistindo a ditadura dos bens materiais, que afinal são passageiros e muitas das vezes não contribuem em nada, muito pelo contrário, para a nossa felicidade e da comunidade onde nos inserimos.

VM

VOZ DAS
MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

Propriedade:
União das Misericórdias Portuguesas

Contribuinte:
501 295 097

Redacção e Administração:
Rua de Entrecampos, 9,
1000-151 Lisboa

Tels:
218 110 540
218 103 016

Fax:
218 110 545

e-mail:
jornal@ump.pt

Tiragem do n.º anterior:
13.550 ex.

Registo:
110636

Depósito legal n.º:
55200/92

Assinatura Anual: Misericórdias
Normal - € 20
Benemérita - € 30

Outros:
Normal - € 10
Benemérita - € 20

Fundador:
Dr. Manuel Ferreira da Silva

Diretor:
Paulo Moreira

Editor:
Bethania Pagin

Design e Composição:
Mário Henriques

Publicidade:
Paulo Lemos

Colaboradores:
Ana Cargaleiro de Freitas

Alexandre Rocha

Filipe Mendes

José Alberto Lopes

Maria Anabela Silva

Patrícia Leitão

Patrícia Posse

Assinantes:
jornal@ump.pt

Impressão:
Diário do Minho

- Rua de Santa Margarida, 4 A

4710-306 Braga

Tel.: 253 609 460



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS
PORTUGUESAS

OPINIÃO



Fernando Cardoso Ferreira
Provedor da Misericórdia de Setúbal e presidente do Conselho Nacional da UMP

‘MUITA COISA
MUDOU NAS
MISERICÓRDIAS
E NA UNIÃO’

Os atuais estatutos da União das Misericórdias Portuguesas têm mais de trinta anos e ao longo destas três décadas muita coisa mudou no País, dos pontos de vista económico, social e político, e muita coisa mudou nas Misericórdias e na União.

No País, a consciência da necessidade de meios de proximidade para acorrer aos cidadãos mais desfavorecidos foi-se generalizando na sociedade e originou, progressivamente, políticas diferentes, acompanhando a conceção constitucional dos direitos sociais dos portugueses.

Para a concretização dessas políticas, face à incapacidade do Estado assumir a totalidade da sua responsabilidade no setor social, tornava-se necessário uma rede de equipamentos e serviços, no terreno, com credibilidade, experiência e provas dadas.

Foi-se então tornando claro para os sucessivos governantes, que as quase quatro centenas de Misericórdias, grande parte delas com existência pluricentenária, reuniam os requisitos indispensáveis para, de uma forma eficaz, serem os agentes dessas políticas. Assim, o Estado tem vindo a conferir-lhes, progressivamente, um papel crucial na prestação de serviços de apoio a todos aqueles que por razões diversas se encontram, em muitos casos, no limiar da exclusão social, por falta de meios mínimos e dignos, de subsistência.

E as Misericórdias souberam corresponder a esse acréscimo de responsabilidade ampliando, de forma exemplar, o âmbito da sua missão.

Hoje, nas respostas residenciais, apoio domiciliário, centro de dia, acolhimento de crianças em risco, entre outros, as Misericórdias prestam, diariamente, serviços a centenas de milhares dos nossos concidadãos, com qualidade, humanidade e vantagem para o erário público.

Para além disso, empregam de forma estável, diretamente, dezenas de milhares de pessoas e contribuem, para além da economia nacional, para as economias locais, em muitos casos, significativamente.

Também na área da saúde as Misericórdias voltaram à sua vocação original, centenária, várias com hospitais em funcionamento, outras, em via de lhas serem devolvidos e muitas integrando, expressivamente, a Rede de Cuidados Continuados Integrados.

As Misericórdias de hoje são bem diferentes das de há trinta anos.

Para este quadro, a União das Misericórdias Portuguesas contribuiu,

de forma unanimemente reconhecida, com apoio, não só nas questões comuns a todas as Misericórdias, como na assistência individualizada.

Dotada de recursos humanos especializados, cuja insuficiência face às crescentes solicitações de apoio é colmatada pela ação do seu presidente, Dr. Manuel de Lemos, a União é o fator agregador das nossas instituições e garante, junto do Estado, dos meios indispensáveis para o desenvolvimento da nossa missão.

Mas a União dispõe também, na área social, de equipamentos próprios, a grande parte deles, desde os primórdios da sua existência.

Na área da deficiência profunda, Stº Estêvão, em Viseu, João Paulo II, em Fátima e Luís Silva, em Borba, a que acresce um lar residencial, em Lisboa e na área da saúde, uma unidade de cuidados continuados integrados, em Fátima.

Trata-se de uma estrutura com cerca de 400 trabalhadores e largas centenas de utentes que consome à União uma parte atenção dos seus dirigentes, desejavelmente orientada também para as associadas.

Do ponto de vista do enquadramento jurídico, também as coisas mudaram.

No âmbito do Direito Canónico, o acordo celebrado entre a União e a Conferência Episcopal Portuguesa deu lugar a um novo enquadramento jurídico, expresso num Decreto Interpretativo.

No âmbito do direito comum, a Lei da Economia Social e a revisão, em fase final, do Decreto-Lei nº 119/83, determinaram um novo quadro jurídico no relacionamento da União e das Misericórdias com o Estado.

Serviu este preâmbulo, longo mas necessário, para explicar as razões da necessidade de dotar a União das Misericórdias Portuguesas de novos estatutos que lhe permitam, à luz das profundas transformações entretanto ocorridas, atuar junto das associadas com ainda maior eficácia.

Essa necessidade foi sentida por um grupo de provedores que confiou ao presidente do Conselho Nacional a missão de elaborar um projeto de novos estatutos.

Para o efeito, foi constituído um grupo de trabalho que no debate preliminar analisou com profundidade e detalhe o quadro atual de relacionamento entre a União e as Misericórdias e a seguir a capacidade e forma daquela, nomeadamente do ponto de vista orgânico, para

Dotada de recursos humanos especializados, cuja insuficiência face às crescentes solicitações de apoio é colmatada pela ação do seu presidente, Dr. Manuel de Lemos, a União é o fator agregador das nossas instituições



corresponder às novas e crescentes problemáticas.

O atual Secretariado Nacional é composto por 5 elementos os quais são, por vezes manifestamente insuficientes para acorrer, com agilidade e oportunidade, às incontáveis solicitações das Misericórdias.

Só a generosidade, o dinamismo e espírito de serviço por eles evidenciado, especialmente pelo seu presidente e a colaboração empenhada de todos os membros, nomeadamente os suplentes, chamados à ação, tem permitido uma resposta localizada e eficaz aos problemas das associadas.

Mas as responsabilidades do Secretariado Nacional não se esgotam na presença junto de cada uma das Misericórdias, muitas questões são transversais e comuns a todas, a nível nacional, ou a muitas a nível regional.

E a maior parte dos casos em que estas solicitam o apoio da União, implica, para a sua resolução, contactos com o governo e órgãos da administração central, ISS, ARS, CCDR, etc..., ou local.

São um número assinalável de reuniões, em que muitas vezes, a celeridade com que se realizem é crucial para a solução dos problemas.

Daí a necessidade de aumentar

substancialmente o número de membros efetivos do Secretariado Nacional.

A União, para o desempenho da sua missão de apoio às associadas, tem uma retaguarda burocrática e administrativa que consome também uma parte significativa das atenções do Secretariado Nacional.

Torna-se assim imperioso dotar alguns membros do Secretariado Nacional de funções específicas naquela área, libertando os restantes para o apoio direto às associadas.

Propõe-se assim a criação, dentro do Secretariado Nacional, de uma estrutura executiva, com funções delegadas, que se possa dedicar especialmente aos assuntos burocráticos e administrativos inerentes ao funcionamento da União.

Os últimos anos da atividade da União mostram que o esforço de apoio próximo às Misericórdias tem recaído, de uma forma muito absorvente, na figura do presidente do Secretariado Nacional, limitando-o, temporal e fisicamente, na disponibilidade essencial para preparar o caminho, nas grandes questões com que as associadas se debaterão, inevitavelmente, num futuro próximo.

Daí a proposta de criação da figura de um vice-presidente do Secretariado

Nacional em quem o presidente possa delegar muitas das tarefas (que o atual abraça com gosto e entusiasmo... mas o assoberbam).

Já atrás referimos que a União gere diretamente uma série de equipamentos sociais que no seu conjunto apresentam uma dimensão assinalável e requerem um acompanhamento de gestão adequado a essa dimensão e à sua importância.

Com o objetivo de acompanhar o funcionamento e gestão desses equipamentos, denominados de Instituições Anexas, propõe-se a criação de um Conselho Coordenador, composto basicamente pelos responsáveis pelos estabelecimentos, dirigido pelo presidente do Secretariado Nacional, função essa delegável, quando e sempre que assim o entender.

Estas são as alterações orgânicas mais significativas que constam da proposta de novos Estatutos.

A União das Misericórdias Portuguesas só faz sentido com as Misericórdias e para as Misericórdias.

Por isso, ao longo de meses, a proposta foi sendo debatida junto de todas as Misericórdias, em cinco grandes reuniões, duas nas Regiões Autónomas e três no Continente, uma agregando as Misericórdias do Norte, em Braga, uma com as Misericórdias do Centro, em Fátima e outra com as Misericórdias do Sul, em Borba.

Para além disso, a proposta foi também debatida em Secretariados Regionais que o solicitaram, nomeadamente Lisboa, Setúbal, Évora, Santarém, Portalegre, Castelo Branco e Aveiro.

Ao longo dessas reuniões, face ao valioso contributo dos senhores provedores, muitas foram as alterações introduzidas à proposta inicial.

Tivemos a preocupação de elaborar uma proposta que permita dotar a União dos meios funcionais necessários para, durante muitos anos, desempenhar com eficácia o papel que as Misericórdias dela esperam.

Em 26 e 27 de Setembro, em Angra do Heroísmo, a proposta será debatida num Conselho Nacional Extraordinário, convocado para o efeito.

Algures para Outubro/Novembro, o Conselho Nacional, solicitará à respectiva Mesa da Assembleia Geral, a convocação de uma sessão extraordinária para debater e deliberar sobre os novos estatutos da União das Misericórdias.

Fizemos o que em nosso entender era necessário e adequado.

A decisão final será dos destinatários da União, as Misericórdias.

Tivemos a preocupação de elaborar uma proposta que permita dotar a União dos meios funcionais necessários para, durante muitos anos, desempenhar com eficácia o papel que as Misericórdias dela esperam

Trata-se de uma estrutura com cerca de 400 trabalhadores e largas centenas de utentes que consome à União uma parte atenção dos seus dirigentes, desejavelmente orientada também para as associadas



Lourical
Capela
restaurada
já abriu
Património → Pág. 27

Vila do Conde
Lar de idosos
celebra 25 anos
de atividade
Terceira Idade → Pág. 20



Inauguração
Penalva
do Castelo
recupera igreja
Património → Pág. 27

7-8/14
www.ump.pt

OPINIÃO



Maria de Belém Roseira
Presidente do Partido Socialista
e presidente da Mesa da Assembleia
Geral da UMP

FARMÁCIAS SOCIAIS

Ora, uma visão única da organização económica de uma sociedade é profundamente negativa em ambientes democráticos. Estes devem, por natureza, respeitar a diversidade

Na época atual é frequente ouvir vilipendiar a Constituição da República Portuguesa (CRP). É mais um sinal de que a economia pretende sobrepor-se a tudo, fazendo tábua rasa do “ethos” que deve presidir às sociedades humanas. Ao contrário da mensagem que direta ou subliminarmente pretende fazer-se passar, a Constituição de um país democrático é um conjunto de princípios, valores e regras que nele devem respeitar-se, quer na organização política, quer na social, económica e institucional, para que se garanta o primado da lei e o respeito pelos direitos humanos fundamentais, que só encontram o adequado caldo de cultura nos regimes democráticos.

Na nossa Constituição, na Parte II, estabelecem-se os princípios gerais da Organização Económica e aí se consagram a “coexistência do sector público, do sector privado e do sector cooperativo e social de propriedade dos meios de produção”, bem como a especial proteção deste último. Para além de garantir a coexistência dos três sectores, a CRP reconhece expressamente “os meios de produção possuídos e geridos por pessoas coletivas, sem carácter lucrativo, que tenham como principal objetivo a solidariedade social...”.

Na verdade, estas instituições, que têm como missão praticar os valores da solidariedade humana, necessitam de praticar e desenvolver atividades de produção económica que lhes garantam os recursos necessários para a realização dos seus fins. Ao contrário do sector privado, que tem como finalidade o lucro, o sector social tem no resultado líquido positivo de algumas das atividades produtivas que conduz o instrumento para garantir a realização da sua atividade principal, que é a de “ajudar”, “acudir”, “apoiar” os destinatários da sua ação.

A detenção de farmácias por estas entidades, com a designação

de “sociais”, pela finalidade primeira que visam assegurar, foi aceite como natural ao longo de dezenas, podemos até dizer, centenas de anos num caso ou noutro. Nunca foram muitas – apenas 35 nos últimos números – mas sempre estiveram profundamente enraizadas nas comunidades locais que visam servir. Razão pela qual constituiu um autêntico terramoto a publicação do Decreto-lei nº 307/2007, de 31 de Agosto, que obrigava estas farmácias a converter-se em sociedades comerciais, ao fim de cinco anos a partir da sua entrada em vigor.

As três Uniões representativas do Sector Social – Instituições Particulares de Solidariedade Social, Misericórdias e Mutualidades – entenderam de imediato, face a tamanha injustiça, levar a cabo ações, em articulação, no sentido de se oporem à efetividade desta decisão e, de imediato, arguíram a sua inconstitucionalidade.

O Provedor de Justiça de então – Dr. Nascimento Rodrigues – deu acolhimento a esta causa. Antigo Ministro de Trabalho e tutela deste sector, conhecia bem a sua especificidade e a sua importância e, pela sua especial sensibilidade e rigor de procedimentos, percebia a ilegitimidade de obrigar estas instituições à adoção de uma personalidade jurídica diferente da sua natureza. Nascimento Rodrigues afirmou existir interesse público nestes estabelecimentos e que “a solução legal encontrada para colocar em igualdade fiscal todas as entidades proprietárias de farmácias – tendo em vista a garantia de concorrência – não se mostra nem adequada nem proporcionada a este fim”.

O diploma acabou por ser declarado inconstitucional apenas parcialmente, pelo que só muito recentemente foi possível afastar o espectro desta obrigatoriedade antinatural.

Ora, uma visão única da organização económica de uma sociedade é profundamente negativa em ambientes democráticos. Estes devem, por natureza, respeitar a diversidade e as diferentes formas de ver, de estar e de ser, desde que se respeitem os princípios da boa governação: transparência, participação e prestação de contas. É esta a exigência que se deve impor a todos os sectores – público, privado e social – pois só assim se conquistam a confiança e o respeito dos cidadãos.

O sector social deve fazer gala em guiar-se por estes princípios, até para garantir a si próprio um outro papel: o da pedagogia social do valor da solidariedade. Em sociedades cada vez mais desumanizadas, o sofrimento entra por muitas portas, para além da insuficiência de recursos. Se o bem-estar e a dignidade dos outros é a razão de existir para estas instituições, o grau de exigência que se lhes aplica deve ser maior. Mas isso não significa cerceá-las em termos de recursos ou de possibilidade de desenvolverem atividades económicas legítimas e com ligação real à natureza da sua atividade.

Espero bem que esse período de trevas esteja ultrapassado e que com toda a sua sobriedade e parcimónia, mas garantindo as normas de qualidade e segurança que hoje se impõem no domínio da saúde, estas instituições não mais se vejam impedidas de deter farmácias de oficina. Até o Tribunal Europeu reconheceu a sua legitimidade!

Não queiramos nós ser mais eurocratas insensíveis que a própria eurocracia indesejada, desnecessária e redundante.

Espero que esse período de trevas esteja ultrapassado e que com toda a sua sobriedade e parcimónia, mas garantindo as normas de qualidade e segurança que se impõem